

BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA

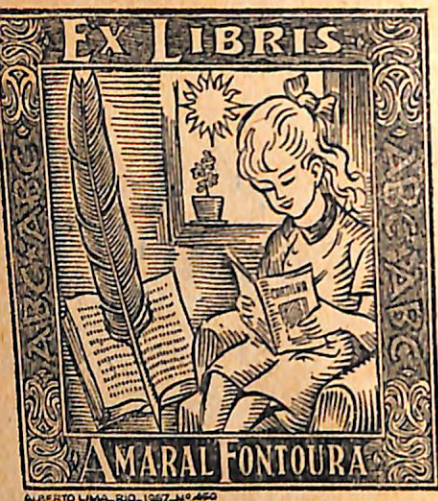
Série I — A ESCOLA VIVA — Vol. 7.º

Sob a direção do Prof. AFRO DO AMARAL FONTOURA

Prática de Ensino

AFRO DO AMARAL FONTOURA
PELO PROFESSOR

Editora Aurora



BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA

Série I — A Escola Viva — Vol. 7.º

Sob a direção do PROF. AMARAL FONTOURA

Afro do Amaral Fontoura

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Da Universidade do Estado do Rio. Da Faculdade de Serviço Social do D. F.
Chefe do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais.
Técnico de Educação

PRÁTICA DE ENSINO

DOM ... CORREA

Esc. "Unidade Curricular"

Botafogo - RJ

BRASIL - RJ

1960

Gráfica Editôra Aurora, Ltda.
Rua Vinte de Abril, 16
RIO DE JANEIRO

GEMAT
DIGITALIZADO

OBRAS DE AMARAL FONTOURA:

I) PARA A "BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA":

1. Volume 1.º:
"FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO"
(um volume de 366 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1949 3.ª edição — 1954 5.ª edição — 1960
2.ª edição — 1952 4.ª edição — 1957
2. Volume 2.º:
"SOCIOLOGIA EDUCACIONAL"
(um volume de 405 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1951 4.ª edição — 1956 7.ª edição — 1960
2.ª edição — 1953 5.ª edição — 1957
3.ª edição — 1954 6.ª edição — 1959
3. Volume 3.º:
"METODOLOGIA DO ENSINO PRIMÁRIO"
(um volume de 486 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1955 3.ª edição — 1957 5.ª edição — 1959
2.ª edição — 1957 4.ª edição — 1958
4. Volume 4.º:
"PSICOLOGIA GERAL"
(um volume de 479 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1957 2.ª edição — 1958 3.ª edição — 1960
- 5.º Volume 5.º:
"PSICOLOGIA EDUCACIONAL"
(um volume de 496 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1958 2.ª edição — 1959
6. Volume 6.º:
"DIDÁTICA ESPECIAL DA 1.ª SÉRIE"
(um volume de 88 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1958
7. Volume 7.º:
"PRÁTICA DE ENSINO"
(um volume de 432 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1960
8. Volume 8.º:
"O PLANEJAMENTO NO ENSINO PRIMÁRIO"
(um volume de 300 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1960
9. Volume 9.º:
"DIDÁTICA GERAL"
(um volume de 380 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1960

370

FON

GIF.

547

10. Volume 10:
"MANUAL DE TESTES"
(um volume de 300 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.^a edição — 1960

EM PREPARO:

- Volume 11.^o: "Novos Horizontes para a Educação Rural"
Volume 12.^o: "Organização e Administração da Escola Primária"
Volume 13.^o: "Nossa Experiência de Educação Rural"
Volume 14.^o: "Instituições Escolares"
Volume 15.^o: "Didática da Escola Normal"

II) OUTRAS OBRAS DE AMARAL FONTOURA

11. "PROGRAMA DE SOCIOLOGIA" — Livraria do Globo; Porto Alegre;
1.^a edição — 1940 3.^a edição — 1943
2.^a edição — 1942 4.^a edição — 1944
12. "O RURALISMO, BASE DA ECONOMIA NACIONAL" — Rio, 1941.
13. "DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO" — Editora Globo; Porto Alegre, 1943 (Colaboração referente à Sociologia, Economia e Política).
14. "INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIA" — um volume de 523 páginas; Editora Globo; Porto Alegre.
1.^a edição — 1948 3.^a edição — 1955
2.^a edição — 1953 4.^a edição — 1959
15. "O DRAMA DO CAMPO" — Edição da revista "Serviço Social"; São Paulo, 1949.
16. "INTRODUÇÃO AO SERVIÇO SOCIAL" — um volume de 512 páginas; Editora Marcel Beerens; Rio, 1950; 3.^a edição, Editora Aurora, Rio, 1959.
17. "ASPECTOS DA VIDA RURAL BRASILEIRA" — (Premiada com o 1.^o lugar no concurso levado a efeito pelo Ministério da Agricultura). Um volume de 285 páginas; Edição oficial, 1950.
18. "A ATUALIDADE POLÍTICA BRASILEIRA A LUZ DA SOCIOLOGIA" (Aula Magna na Faculdade de Serviço Social do D. F.; Rio, 1955).

EM PREPARO:

- "RETRATO VERDADEIRO DO BRASIL" (uma análise sociológica da realidade brasileira).
"TRATADO DE SOCIOLOGIA RURAL BRASILEIRA".
"EDUCAÇÃO DE BASE E CENTROS SOCIAIS RURAIS".
"O DRAMA DA CRIANÇA".

*Ao esforçado magistério
do Estado de Pernambuco,*

*cuja vibração pelos problemas educacionais
tive oportunidade de sentir pessoalmente,
por ocasião do 4.^o Congresso Brasileiro de
Professores Primários, realizado em Recife,
em Janeiro de 1960.*

SER MESTRE

(Do livro ANFORA PARTIDA)

NANCY GUAHYBA MARTHA

Ser mestre é devotar ao pequenino
uma grande parcela dessa lida;
é moldar um a um cada destino
em seu peito buscando uma guarida.

Ser mestre é encontrar algo divino
nos espinhos da estrada bem florida;
é saber que se faz de um só menino
o futuro da Pátria tão querida.

Ser mestre é caminhar por esta vida
entre sombras e luz para encontrar
em cada aluno, um meigo coração.

Ser mestre é ter de Deus a inspiração
para, da alma infantil, fazer brotar
a semente do bem nela escondida.

SE . . .

(RUDYARD KIPLING)

SE és capaz de conservar o teu bom senso e a calma,
Quando os outros os perdem, e te acusam disso,
SE és capaz de confiar em ti, quando de ti duvidam
E no entanto perdoares que duvidem,

SE és capaz de esperar, sem perderes a esperança
E não caluniar os que te caluniam,
SE és capaz, sendo odiado, dar ternura,
Tudo sem pensar que és sábio ou um modelo dos
bons,

SE és capaz de sonhar, sem que o sonho te domine,
E pensar, sem reduzir o pensamento a vício,
SE és capaz de enfrentar o Triunfo e o Desastre
Sem fazer distinção entre êstes dois impostores,

ÍNDICE

SE és capaz de ouvir a verdade que disseste,
Transformada por canalhas em armadilha aos
tolos,

SE és capaz de ver destruído o ideal da vida inteira
E construí-lo outra vez com ferramentas gastas,

SE és capaz de arriscar todos teus haveres
Num lance corajoso, alheio ao resultado,
E perder e começar de novo teu caminho,
Sem que ouça um suspiro quem seguir ao teu
lado,

SE és capaz de forçar teus músculos e nervos
E fazê-los servir se já quase não servem,
Sustendo-te a ti, quando nada em ti resta,
A não ser a vontade que diz: Enfrenta!

SE és capaz de falar ao povo e ficar digno
Ou de passear com reis conservando-te o mesmo,
SE não pode abalar-te amigo ou inimigo
E não sofrem decepção os que contam contigo,
SE podes preencher todo minuto que passa
com sessenta segundos de tarefas acertadas,

SE assim fores meu filho, a Terra será tua,
Será teu tudo que nela existe
E não receies que te o tomem
Mas (ainda melhor que tudo isto)
Se assim fores, serás um **HOMEM**.

PLANO DÊSTE LIVRO:

1.^a Parte — PRINCÍPIOS E TÉCNICAS DA PRÁTICA DE ENSINO:

1. Conceituação do problema,
2. Objetivos da Educação Pré-Primária e Primária.
3. Educação integral — como realizá-la.
4. Planejamento do ensino:
 - 4.1) Unidade de trabalho
 - 4.2) Plano de aula
 - 4.3) Globalização do ensino.
5. Socialização do educando.
6. Disciplina escolar — como realizá-la.
7. Direção da aprendizagem.
8. Manejo da classe.

2.^a Parte — O ESTÁGIO DA ALUNA-MESTRA:

1. O estágio: sua importância e fases.
2. O estágio de observação.
3. O estágio de participação.
4. O estágio de direção.

3.^a Parte — INICIANDO O MAGISTÉRIO:

O roteiro a seguir pela nova professôra.

| | Pág. |
|---|------|
| Obras de AMARAL FONTOURA | V |
| Dedicatória | VII |
| “SER MESTRA” (poesia de NANCY GUAHYBA MARTHA) | IX |
| “SE” (poema de RUDYARD KIPLING) | XI |
| Notas sôbre a Didática da Prática de Ensino | 1 |

1.^a Parte

PRINCÍPIOS E TÉCNICAS DA PRÁTICA DE ENSINO

UNIDADE I

Prática de Ensino, Conceito de Ensino, Educação
Pré-Primária e Primária

| Cap. | §§ | Pág. |
|---|---------|------|
| I. CONCEITO DE PRÁTICA DE ENSINO: | 1 a 6 | 11 |
| 1. Educação e Pedagogia. 2. As Ciências Pedagógicas. 3. Compreensão dessas Ciências. 4. Conceito de Prática de Ensino. | | |
| II. CONCEITO DE ENSINO: | 7 a 12 | 19 |
| 1. Que é ensino. 2. Para que se ensina. 3. O que se ensina. 4. Como se ensina. 5. Os 3 pilares da Educação Renovada: AMOR — ATIVIDADE ALEGRIA. | | |
| III. OBJETIVOS E FUNÇÕES DOS JARDINS DE INFÂNCIA | 13 a 18 | 37 |
| 1. Jardim de Infância não é local de descanso. 2. As dificuldades de vida e de moradia exigem os Jardins. 3. Função socializadora dos Jardins. 4. É condenável a alfabetização no Jardim. | | |
| IV. OBJETIVOS E FUNÇÕES DA ESCOLA PRIMÁRIA | 19 a 22 | 49 |
| 1. LEC ou Educar? 2. O grande erro da alfabetização pura e simples. 3. A função da Escola Primária é formar a personalidade da criança, e não apenas instruir. | | |

UNIDADE II

Educação integral — Planejamento — Globalização —
Socialização

| Cap. | §§ | Pág. |
|---|---------|------|
| V. EDUCAÇÃO INTEGRAL | 23 a 33 | 55 |
| 1. Conceito de Educação Integral. 2. Educação intelectual. 3. Educação moral. 4. Educação social. 5. Educação artística. 6. Educação econômica. 7. Educação religiosa. 8. Educação física. | | |
| VI. PLANEJAMENTO DO ENSINO | 34 a 36 | 75 |
| 1. Conceito de planejamento. 2. Importância do planejamento do ensino. 3. Tipos de planejamento: plano de ensino, plano de curso, plano de trabalho e plano de aula. | | |
| VII. A UNIDADE DE TRABALHO OU PLANO DE TRABALHO | 37 a 40 | 87 |
| 1. Conceito de Plano de trabalho. 2. Como organizar um plano ou unidade de trabalho. 3. Desenvolvimento de um Plano de Trabalho sobre "Animais domésticos". 4. Exemplos de Unidades de Trabalho. | | |
| VIII. O PLANO DE AULA | 41 a 44 | 119 |
| 1. Necessidade da preparação das aulas. 2. Plano de aula e globalização do ensino. 3. Organização do plano: Finalidades, Motivação, Desenvolvimento e Conclusão. 4. Apresentação de Planos de Aula. | | |
| IX. GLOBALIZAÇÃO DO ENSINO | 45 a 51 | 135 |
| 1. A vida é globalizada. 2. Como organizar um "Centro de Interesse". 3. O "Método de Projetos". 4. Como | | |

| Cap. | §§ | Pág. |
|---|---------|------|
| organizar um Projeto: a) Motivação; b) Planejamento; c) Problemas a resolver; d) Atividades a desenvolver e informações a adquirir; e) Hábitos e atitudes a desenvolver; f) Ligação com o programa. 5. Exemplos de projeto didático: a) Ornamentação da sala de aula; b) Comemoração, na escola, do "Dia das Mães". | | |
| X. SOCIALIZAÇÃO DO EDUCANDO . | 52 a 58 | 173 |
| 1. Conceito de socialização. 2. Vivemos num mundo socializado. 3. Os dois fins da Educação. 4. Processos a empregar na vida escolar diária para a socialização dos alunos. | | |
| UNIDADE III | | |
| Disciplina Escolar | | |
| XI. O PROBLEMA DA DISCIPLINA ESCOLAR | 59 a 67 | 181 |
| 1. Teorias sobre a disciplina. 2. O problema da disciplina na Prática de Ensino. 3. Conceito de aluno disciplinado. 4. Conceito de aluno indisciplinado. 5. Os indisciplinados ocasionais. 6. Como castigar os alunos? 7. Castigos permissíveis. | | |
| UNIDADE IV | | |
| Direção da Aprendizagem | | |
| XII. DIREÇÃO TÉCNICA DA APRENDIZAGEM | 68 a 74 | 193 |
| 1. Ensino e aprendizagem. 2. Conceito de aprendizagem. 3. ESCOLA VIVA. 4. Condições gerais da aprendizagem. 5. Motivação da aprendizagem. | | |

| UNIDADE V | | |
|---|-----------|------|
| Cap. | §§ | Pág. |
| Manejo da classe | | |
| XIII. A AULA: INÍCIO, DESENVOLVIMENTO E FIM | 75 a 83 | 199 |
| 1. Conceito de manejo de classe. 2. Conceito de "aula". 3. Duração da aula. 4. Distribuição do tempo no ensino globalizado. 5. Duração da aula no sistema por matéria. 6. Início da aula. 7. Desenvolvimento da aula. 8. Fim da aula. | | |
| XIV. OS TRABALHOS DE ROTINA DIÁRIA | 84 a 94 | 213 |
| 1. A entrada em aula. 2. A chamada. 3. Distribuição do material. 4. Como coleccionar material para as aulas. 5. Material confeccionado pelos alunos. 6. O recreio e a merenda. 7. Uso do quadro-negro. 8. Uso dos sanitários. 9. Saida da sala de aula. | | |
| XV. DESENHO E TRABALHOS MANUAIS COMO INSTRUMENTOS DIDÁTICOS | 95 a 102 | 227 |
| 1. Desenho e Trabalhos Manuais não são matérias. 2. Desenho e Trabalhos como expressão psicológica. 3. Idem como formas de atividade. 4. Sentido educativo desses 2 instrumentos. 5. Sua aplicação: a) Em Linguagem, b) Em Matemática, c) Em Ciências Sociais, d) Em Ciências Naturais. 6. Trabalhos Manuais e artesanatos. | | |
| XVI. COMO FAZER FUNCIONAR AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES | 103 a 119 | 241 |
| 1. Conceito de Instituição Escolar. 2. Finalidades das Instituições Esco- | | |

| Cap. | §§ | Pág. |
|--|----|------|
| lares; a) No campo sociológico; b) No campo psicológico; c) No campo político; d) No campo pedagógico. 3. Como organizar as Instituições. 4. Relações públicas: a) A escola é dos alunos; b) Saber receber as visitas; c) Os alunos como "donos da casa". 5. Funcionamento das Instituições: a) do Centro Cívico; b) do Clube de Leitura; c) do Pelotão ou Clube de Saúde; d) do Clube Agrícola; e) do Clube de Natureza e do Museu; f) do Círculo de Pais e Professores; g) do Clube de Mães. | | |

2.^a Parte

O ESTÁGIO DA ALUNA MESTRA

| | | |
|--|-----------|-----|
| XVII. O ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO .. | 120 a 131 | 295 |
| 1. Importância do estágio. 2. Escola de Aplicação. 3. Fases do estágio. 4. Estágio de observação. 5. Distribuição do tempo. 6. Como fazer a observação: a) Quanto ao ambiente da aula; b) Quanto ao conteúdo da aula; c) Quanto à técnica de ensino; d) Quanto à formação educativa do aluno; e) Quanto à reação dos alunos; f) Observações originais; g) Questionário de observação. 7. Discussão do observatório. 8. Observações em outras escolas da localidade. 9. Observação em escolas de outros tipos. 10. Estágio nos órgãos de administração do ensino. | | |
| XVIII. O ESTÁGIO DE PARTICIPAÇÃO .. | 132 a 142 | 313 |
| 1. Conceito de participação. 2. Atividades da estagiária: a) Confeção de material didático; b) Organização de jogos; c) Organização, aplicação e correção de provas; d) MODELOS DE | | |

| Cap. | §§ | Pág. |
|--|-----------|------|
| PROVAS OBJETIVAS; e) Participação nas Instituições Escolares; f) Organização de festas, exposições e visitas; g) Trabalhos de secretaria e estatística. | 143 a 153 | 363 |
| XIX. O ESTÁGIO DE DIREÇÃO | | |
| 1. Conceito de direção. 2. Direção de uma aula. 3. O plano de uma aula. 4. Direção de um dia escolar. 5. A crítica de terceiros. 6. Ficha especial de anotações para os observadores da aula experimental. 7. Critério de julgamento. 8. Gráfico de julgamento: análise da professoranda. 9. A "Caderneta de Prática". | | |

3.^a Parte

INICIANDO O MAGISTÉRIO

| | | |
|--|--|-----|
| XX. O ROTEIRO A SEGUIR PELA NOVA PROFESSORA | | 391 |
| Decálogo da ESCOLA VIVA: | | |
| 1. Amor à criança. | | |
| 2. Dedicção à classe e à escola. | | |
| 3. Fazer da classe ou da escola uma "sociedade em miniatura". | | |
| 4. Dar educação integral. | | |
| 5. Fazer Escola Viva. | | |
| 6. Fazer da escola fonte permanente de alegria. | | |
| 7. Tornar as aulas tão interessantes e atraentes quanto possível. | | |
| 8. Fazer "ensino planejado", usar métodos ativos e, sobretudo, planos de trabalho. | | |
| 9. Dar o máximo desenvolvimento às Instituições Escolares. | | |
| 10. Participação na vida da comunidade. | | |

BIBLIOGRAFIA GERAL

ERRATA

Por um lamentável lapso de revisão, o 5.º parágrafo da página 2 salu impresso erradamente. Reproduzi-mo-lo aqui corretamente:

Longe se foi o tempo em que se dizia: **"Fulano é um grande professor, pena é que não saiba transmitir seus conhecimentos aos alunos"**. Isso é o mesmo que dizer assim: — **"Fulano é muito bom médico, pena é que não saiba curar os doentes"**...

Apresentando

a

BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA

De regra geral, quase todos os nossos educadores sentem a necessidade de uma Renovação Educacional no país, que torne a escola mais viva, mais dinâmica, mais ligada a realidade e faça com que seus alunos saiam mais capacitados a trabalhar pelo progresso nacional.

Se isso é verdade em todos os graus de ensino, particularmente o é no Ensino Normal. Com efeito, se pretendemos renovar o Brasil, criar melhores condições de vida para o nosso povo, temos que educar esse povo. E para educar melhor, temos que preparar professores cada vez mais eficientes e interessados na solução do problema.

Não há exagero em afirmar que nas mãos do professor primário reside uma das maiores esperanças de dias melhores para o Brasil. Daí a alta responsabilidade das nossas Escolas Normais — as escolas que formam tais professores.

Uma das maiores dificuldades, porém, com que as Escolas Normais têm lutado, para a consecução de seu objetivo, é a falta de livros dentro desse espírito de Educação Renovada. Apesar de toda boa vontade dos diretores e professores das Escolas Normais, é quase impossível fazer renovação usando livros antiquados, fora de fase. É difícil fazer escola ativa com livros cheios de teorias, mas muito pouco práticos. A maioria (claro que há honrosas exceções) das obras existentes não permite tal renovação.

Eis por que foi criada a "Biblioteca Didática Brasileira": ela se destina a ser uma coleção de livros escritos especialmente para o Ensino Normal e dentro desse espírito renovador, objetivo, prático.

Para ter a certeza de atingir tais objetivos, a Editôra Aurora entregou a direção da "Biblioteca Didática Brasileira" a um dos educadores mais categorizados no assunto: o professor Amaral Fontoura, reputado Técnico de Educação, que há muitos anos se vem batendo por essa renovação no Ensino Normal. Professor de várias Faculdades — bem como da notável Universidade Católica do Rio de Janeiro — delegado do governo junto a várias Escolas Normais, professor de inúmeros cursos de aperfei-

coamento para professores, Amaral Fontoura consegue reunir duas qualidades que raramente se encontram juntas: profundo conhecimento teórico da Pedagogia, ao lado de um admirável espírito prático, objetivo.

A "Biblioteca Didática Brasileira" é, assim, uma coleção de livros que não apenas ensinam o que se deve fazer, mas ao mesmo tempo mostram como se deve fazer. E tudo dentro de um espírito de grande equilíbrio, que fica equidistante da "escola velha" e dos exageros da "escola nova". O lema dos livros do prof. Amaral Fontoura pode ser "non novum sed novi", seguindo assim as próprias palavras do Papa Pio XI, quando diz "acolhendo, pois, o que é novo, (o mestre) terá o cuidado de não abandonar facilmente o antigo, demonstrado bom e eficaz pela experiência dos séculos".

Depois de publicar "Fundamentos de Educação" e "Sociologia Educacional", (obras que alcançaram grande êxito, tanto que já se encontram em 5.^a e 7.^a edição, apesar de serem tão recentes), a "Biblioteca Didática Brasileira" lançou a "Metodologia do Ensino Primário" (já em 5.^a edição), a "Psicologia Geral" (já em 3.^a edição), a "Psicologia Educacional" (já em 2.^a edição) a "Didática Especial da 1.^a Série", a "Prática de Ensino", "O Planejamento no Ensino Primário", "Didática Geral" e o "Manual de Testes", todos de autoria do Professor Amaral Fontoura.

Diante da boa acolhida que tem recebido dos educadores brasileiros e do público em geral a BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA, resolvemos então estendê-la e publicar uma série completa de livros para todo o currículo das Escolas Normais.

Mas, com os aplausos que nos têm chegado por essa iniciativa, recebemos, igualmente, numerosos pedidos de publicação de material didático que esteja de acordo com os princípios da Educação Renovada, que norteiam esta Biblioteca. Mostram os educadores a dificuldade de seguirem as linhas da Educação Moderna, pelo fato de não haver livros, material de trabalho, jogos, cartazes, etc., publicados em articulação com aqueles princípios e métodos.

Resolvemos, atendendo a êsses apelos dos educadores, subdividir a Biblioteca Didática Brasileira em 4 séries, dando-lhe a seguinte constituição:

Série I — "A escola viva":

(Livros especializados para o currículo das Escolas Normais):

- Vol. 1 — "Fundamentos de Educação" — (em 5.^a edição).
- Vol. 2 — "Sociologia Educacional" (em 7.^a edição).
- Vol. 3 — "Metodologia do Ensino Primário" (em 5.^a edição).
- Vol. 4 — "Psicologia Geral" — (em 3.^a edição).
- Vol. 5 — "Psicologia Educacional" — (em 2.^a edição).
- Vol. 6 — "Didática Especial da 1.^a série."
- Vol. 7 — "Prática de Ensino".
- Vol. 8 — "O Planejamento no Ensino Primário".
- Vol. 9 — "Didática Geral".
- Vol. 10 — "Manual de Testes",

Próximos volumes a aparecer:

- Vol. 11 — "Educação Rural".
- Vol. 12 — "Organização e Administração da Escola Primária".
- Vol. 13 — "Uma Experiência de Educação Rural".
- Vol. 14 — "Instituições Escolares".
- Vol. 15 — "Didática do Ensino Normal".

Série II — "Legislação do Ensino e textos auxiliares":

- Vol. 1 — "Programas do Ensino Primário para as Escolas do Estado da Guanabara" (em 2.^a edição).
- Vol. 2 — "Programas do Ensino Primário do Estado do Rio de Janeiro".

Série III — "Livros texto para as crianças".

(livros de leitura, conhecimentos, etc.).

Série IV — "Como aprender brincando..." (material de ensino)

- N.º 1 — Método de Educação Integral para a 1.^a série (Linguagem, Matemática, Conhecimentos Gerais, Educação Moral, Educação Cívica, Educação Artística, Educação Social, Trabalhos Manuais e Educação Física incluídos num só texto, totalmente articulado, através de uma história).

Algumas notas sobre
DIDÁTICA DA PRÁTICA DE ENSINO

O ensino pedagógico (imprópriamente chamado de ensino normal, como adiante veremos) tem tido em nosso país um extraordinário desenvolvimento nos últimos anos. É um progresso que dignifica nossa cultura e honra nossos foros de nação civilizada.

Não pode haver civilização e progresso sem cultura do povo, e essa cultura é a consequência de um bom sistema de Educação, que, por sua vez, depende integralmente da existência de bom ensino, boas escolas, bons professores.

Não há nenhum exagero, pois, em afirmarmos que

nas mãos do professor primário está grande parte dos destinos de uma nação.

Sendo a Escola Normal o centro de formação dos mestres primários, transfere-se para essa Escola enorme responsabilidade no progresso nacional, pois

não poderá haver bons professores primários sem boas Escolas Normais.

O ensino pedagógico, como dissemos, tem crescido muito em quantidade, nos últimos anos, aumentando, em média, de 50 novas Escolas Normais por ano. Em 1957 o "Anuário Estatístico do Brasil" registrava 921 Escolas Normais e em 1958, já 982. Como os dados desse último "Anuário" publicado são referentes ao ano letivo de 1956, é de prever-se que já haja agora cerca de 1.200 Escolas Normais no Brasil.

Faz-se mister, porém, que esse crescimento quantitativo seja acompanhado de um correspondente crescimento *qualitativo*, isto é, *que as Escolas Normais realizem um constante esforço para manter bem elevado o nível do ensino.*

Para esse fim, é imprescindível que, sem descuidar as outras, se dê a máxima atenção às cadeiras de *formação pedagógica*, a saber: *Psicologia Educacional, Sociologia Educacional, Higiene Escolar, Filosofia da Educação, Metodologia ou Didática*, e, finalmente, *Prática de Ensino.*

A cadeira de *Prática de Ensino* é o coroamento natural da formação pedagógica. Pode a Escola Normal possuir ótimos professores das matérias formais (Português, Geografia, Matemática, etc.) e das matérias pedagógicas (Psicologia e Sociologia educacionais, etc.), que será sempre uma escola deficiente se não der a devida organização a essa que é a *cadeira-chave* do curso pedagógico: a *Prática de Ensino.*

Em todas as cadeiras do currículo pedagógico, a futura professora aprende cousas muito úteis; mas é na de *Prática de Ensino* que aprende a *ser professora*, isto é, a *lecionar.*

Longe se foi o tempo em que se dizia assim: "*Fulano é um grande professor, pena é que não saiba transmitir prática de ensino... teórica, isto é, só desenrolando que dizer isto: — "Fulano é muito bom médico, pena é que não saiba curar os doentes"...*

Não. Positivamente não pode ser assim. Ser bom professor é saber transmitir bem, é *saber ensinar.* Ora, não há ensino sem aprendizagem. É como diz magnificamente JOHN DEWEY:

"Não se poderá dizer que alguém vendeu, se outra pessoa não houver comprado, como não se pode dizer que se ensinou se ninguém aprendeu."

Portanto, podemos afirmar: *bom professor é aquele que consegue fazer os alunos aprenderem.*

Daí se conclui que para o Ensino Pedagógico ter eficiência precisa dedicar a máxima atenção à *Prática de Ensino.* É imprescindível que a *Prática de Ensino* seja... prática. Conhecemos livros e Escolas que fazem prática de ensino... teórica, isto é, só desenrolando teorias sobre teorias, em vez de abordar os problemas da rotina escolar que o professor irá encontrar diariamente, no desempenho de sua missão.

Pretendemos com o presente volume colaborar, embora humildemente, para que todas as Escolas Normais do país possam adotar um novo conceito de *Prática de Ensino.*

Sugerimos, para alcançar tal objetivo, que essa cadeira seja dividida em dois períodos, perfeitamente distintos:

No 1.º período, correspondente ao 1.º semestre, o titular da cadeira lembraria as técnicas imediatamente necessárias ao professor primário para dar uma boa aula. *Lembraria* é o termo, porque tais técnicas provavelmente já foram ministradas nas cadeiras de *Psicologia Educacional, Sociologia Educacional e Metodologia ou Didática*, especialmente nesta última.

No 2.º período correspondente ao 2.º semestre da 3.ª série pedagógica, tratar-se-ia exclusivamente do *estágio* da aluna-mestra: ela iria dar aulas experimentais, das várias matérias, nas várias séries de diversas escolas, ficando assim completamente apta a *dar aulas, sózinha*, em qualquer escola, sem fraquezas nem indecisões.

1.º SEMESTRE:

Nesse primeiro semestre se concederia também uma larga margem de tempo ao problema — o *manejo da classe* — que não fôra abordado ainda por nenhuma

cadeira anterior, por ser específico da cadeira de Prática.

Assim pensando, apresentamos no presente livro, em sua 1.^a Parte, os *princípios e técnicas da Prática de Ensino*, incluindo sobretudo o *planejamento* e a *globalização* do ensino, a *direção da aprendizagem* e o *manejo da classe*, tudo sob o ponto de vista estritamente *prático*, isto é, da sua realização na vida escolar.

No *manejo da classe* abordamos aquêles problemas que se poderiam, talvez, chamar "da cozinha da escola", ou seja, da rotina escolar diária, a saber:

Início, desenvolvimento e fim da aula
Entrada e saída da sala; disciplina escolar
Distribuição e uso do material escolar
Uso do quadro negro
Organização do recreio e da merenda
Desenho e Trabalhos manuais como instrumento didático
Funcionamento das Instituições Escolares.

Com a vivência dos nossos quase 50 anos de magistério, assistindo, por força dos cargos exercidos, o início da profissão de milhares e milhares de professoras, sabemos bem o quanto êsses problemas que à primeira vista parecem corriqueiros e indignos de figurar num livro, se apresentam dramáticos para a nova mestra.

A comparação que nos acode sempre à cabeça é a de uma escola de motoristas, que ensinasse ao aluno tudo a respeito de motores de explosão, carburadores, dinamos, cilindros, transmissão e tudo o mais referente à alta mecânica, esquecendo-se, porém, de ensinar ao futuro chofer um pequeno detalhe: como fazer andar e como fazer parar o carro...

2.º SEMESTRE:

O segundo semestre da terceira série seria exclusivamente dedicado ao importante problema do estágio: a aluna-mestra iria primeiramente *observar* como se dá aula, em seguida *colaborar* nas aulas dadas por outrem, e, enfim, *assumir a direção da classe*.

Daí as três fases em que se divide o estágio:

Estágio de observação
Estágio de participação
Estágio de direção.

No estágio de *observação*, a estagiária iria apenas observar como uma professora primária dá aulas, à frente da sua classe, tomando notas de tudo quanto visse de bom (e de mau também, para não recair nos mesmos erros).

No estágio de *participação*, a aluna-mestra já mergulharia na vida da classe primária, ajudando a professora de classe em tôdas as suas tarefas, como confeccionar material, organizar jogos, aplicar e corrigir provas, fazer funcionar as Instituições Sociais da escola.

Enfim, chegaríamos ao estágio de *direção*, em que a aluna-mestra realizaria seu grande sonho: dar aula. A princípio, ministrar apenas uma aula e mais para frente passar um dia inteiro com uma classe, num e noutro caso assistida pelo professor de Prática, pelas colegas de turma e pela professora de classe. Aí, estas é que estariam tomando anotações de tudo, para depois comunicar à futura mestra seus acertos e pontos fracos, suscetíveis de melhora.

Em um livro especial, confeccionado pela própria aluna-mestra, ou em cadernos já impressos, especialmente para êsse fim, a professoranda colecionaria todos êsses apontamentos, que tão valiosos irão ser, depois,

para sua atividade à frente de uma classe ou de uma escola.

Eis aí, em ligeiro resumo, como julgamos que a cadeira de Prática de Ensino possa e deva ser dada em tôdas as Escolas Normais do nosso querido Brasil.

A ESCOLA DE APLICAÇÃO

Para o pleno êxito do roteiro acima traçado, na parte referente a *estágio*, uma medida essencial é a existência da "ESCOLA DE APLICAÇÃO anexa a cada Escola Normal. O ideal seria mesmo que nenhuma Escola Normal existisse sem sua Escola de Aplicação ao lado.

Muito difícil se tornam os *estágios* quando a Normal não possui essa escola. Surgem vários problemas: 1) Conseguir uma escola primária próxima, cuja diretora concorde em permitir ali a aplicação das alunas-mestras; 2) Conseguir que a autoridade superior, à qual está subordinada essa diretora, o consinta; 3) Conseguir que as professoras das várias classes dessa escola recebam as alunas-mestras com boa disposição e paciência, que concordem em assistir as aulas destas e encher as fichas de julgamento; 4) Conseguir que os pais dos alunos dessa escola concordem com a idéia de seus filhos servirem de "cobaia" para a experimentação das futuras mestras; 5) Talvez o mais difícil: o problema da condução da Escola Normal para a escola de aplicação e vice-versa.

No entanto, conhecemos bem a dificuldade com que vive a maioria das Escolas Normais brasileiras, cujos diretores e professores muitas vezes realizam verdadeira obra de idealismo, em prol do progresso da comunidade, pois tais escolas são deficitárias. A simples sobrevivência de muitas das nossas Escolas Normais é um ato de heroísmo. — Como exigir, então, que ainda

criem e mantenham uma escola primária de aplicação, gratuita, mas com diretora e professoras remuneradas?

Aceitando essa dura contingência, compreendemos a necessidade de se fazerem os *estágios* em escolas primárias alheias. Mas, de qualquer forma, em escola de aplicação anexa, ou não, o que é absolutamente indispensável é que as professorandas *façam estágio*.

Se nos fôsse lícito daqui endereçar um veemente apêlo a tôdas as Escolas Normais do país, seria êste: — Em nome de milhões de crianças que serão o Brasil de amanhã, em nome da cultura e do progresso brasileiro, organizem *estágios*, façam suas alunas-mestras *aprenderem a dar aulas dando aulas!*

REALISMO

Temos afirmado que desejamos apresentar um livro de "Prática de Ensino" realista, isto é, dentro da realidade brasileira. Por isso fizemos questão que todos, sem exceção, todos os nossos exemplos, sejam: a) reais, b) brasileiros.

Para não "inventar" projetos e planos de trabalho de nossa cabeça, e para não copiá-los (o que é tão fácil...) de livros estrangeiros, apresentamos exclusivamente projetos e planos *já realizados* por distintas e esforçadas mestras primárias nossas patricias. Ninguém poderá dizer "isso é muito bonito, mas é irrealizável", porque... *já foi realizado*, por alguma professora brasileira numa escola de nossa terra, com aquela pobreza de recursos que todos nós sabemos...

A maioria de tais projetos e planos foram tirados da experiência de professoras da Guanabara, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco e de Minas Gerais, (com justiça considerados os líderes da Educação Primária em nossa Pátria), experiências essas relatadas na "*Revista do Ensino*", de Pôrto Alegre, e na revista "*E. P.*", do Distrito Federal. Acreditamos que essa é a maior homenagem que podemos prestar

a tão dedicadas mestras: divulgar suas belas aulas pelo Brasil afora, para que sirvam de exemplo a milhares de colegas.

Aproveitemos para deixar aqui consignadas nossas sinceras homenagens à "*Revista do Ensino*", à sua dinâmica fundadora, professora Maria de Lourdes Gastal e demais colaboradoras que, à custa de todos os sacrifícios, vêm trabalhando pela reforma da didática do ensino primário brasileiro, com o mesmo objetivo pelo qual nos batemos há tantos anos: — criar a *ESCOLA VIVA*. A "*Revista do Ensino*" é um marco na história da Renovação Educacional brasileira, merecendo a gratidão de todos os educadores patricios.

Aquêles que conhecem os pobres livros de que somos autor, sabem que procuramos fazer *escola viva* também em suas páginas, solicitando e aceitando a *participação ativa* de outros colegas.

Por isso, pedimos que professores dos diversos Estados nos enviem projetos, planos de trabalho, planos de aula, notícias sobre Instituições Escolares e outras atividades, que com prazer publicaremos em próximas edições.

Ficamos, igualmente, à disposição dos colegas, para quaisquer esclarecimentos ou sugestões que desejem. Podem escrever-nos, que serão atendidos.

Atenção para o novo enderêço do autor:

PROFESSOR AMARAL FONTOURA

Rua Hilário de Gouveia, 30, apt.º 503
Copacabana — Rio de Janeiro

ou

Gráfica Editôra Aurora, Ltda.
Rua Vinte de Abril, 16 — Rio.

1.ª PARTE

Princípios e Técnicas da Prática de Ensino

Unidade I

PRÁTICA DE ENSINO, CONCEITO DE ENSINO, EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA E EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

CAPÍTULO I

Conceito de Prática de Ensino

§ 1.º) EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA

Antigamente, nas Escolas Normais, havia, durante 3 anos, cadeiras de Português, Matemática, História, etc., e, no último ano havia uma cadeira de *Pedagogia*, onde o professor ensinava a ensinar e as alunas-mestras aprendiam a ensinar.

Êsse currículo era fruto do conceito em vigor na época, de que o bom professor precisava ter seguros conhecimentos. "Bom professor é aquele que sabe bem a matéria", dizia-se. Dentro desse conceito, para 12 ou 15 cadeiras de "matérias" havia apenas uma que ensinava tudo a respeito de Educação.

Nessa cadeira de Pedagogia aprendiam-se o conceito de Educação, um pouco da sua história, além da "arte de ensinar". Podia-se então definir: "Pedagogia é a arte de ensinar".

A partir dos fins do século XIX, começou-se a compreender que não basta "saber" para "ensinar". En-

tendeu-se que "bom professor" não é aquêle que "sabe muito", mas o que "sabe transmitir".

Finalmente, no século XX, compreenderam os homens que a principal função da escola não é "transmitir conhecimentos", mas sim educar a criança, formar sua personalidade, torná-la um ser útil à sua comunidade, da qual recebe também todos os benefícios.

Então, a palavra "ensino" veio sendo substituída por "Educação". E o que se deseja do professor, hoje em dia, não é nem que êle tenha apenas "grandes conhecimentos", nem que apenas "saiba transmitir", mas sobretudo que *saiba educar*, que saiba motivar, sacudir, entusiasmar a criança, para que esta deseje aprender, interesse-se pela aprendizagem, tome parte efetiva e decisiva na sua própria educação.

Compreendeu-se que a educação não é algo que se possa *impor* ao aluno, como se obriga uma criança a tomar remédio, despejando-o pela garganta abaixo. A educação é o fenômeno resultante da íntima colaboração do educador e educando. O mestre estimula, motiva, orienta o aluno, mas a educação dêste brota dentro para fora, como a plantinha brota da terra.

O que se exige do professor, portanto, hoje em dia é que êle seja acima de tudo *educador*.

§ 2.º AS CIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

E a Pedagogia cresceu, cresceu imensamente, inclusive no seu conceito, que passou de "arte de ensinar" a ser definida como "a ciência da Educação".

Mas na realidade a Pedagogia cresceu tanto que não se pode falar numa ciência, e sim no plural, nas ciências da Educação, ou *Ciências Pedagógicas*.

Eis o quadro exato das Ciências Pedagógicas:

QUADRO DAS CIÊNCIAS PEDAGÓGICAS (OU "PEDAGOGIA")

| | | |
|--|---|-----------------------------|
| I) Estudo dos FINS da educação (disciplinas filosóficas) | } | 1. História da Educação |
| | | 2. Filosofia da Educação |
| | | 3. Política Educacional |
| II) Estudo dos PRINCÍPIOS da Educação (disciplinas científicas) | } | 4. Biologia Educacional |
| | | 5. Psicologia Educacional |
| | | 6. Sociologia Educacional |
| | | 7. Estatística Educacional |
| III) Estudo dos MEIOS da Educação (disciplinas técnicas) | } | 8. Educação Comparada |
| | | 9. Higiene Escolar |
| | | 10. Legislação Escolar |
| | | 11. Administração Escolar |
| | | 12. Didática ou Metodologia |
| | | 13. Orientação educacional |
| | | 14. PRÁTICA DE ENSINO |

Então, atualmente, para o indivíduo ser bom professor tem que possuir uma boa base de "conhecimentos", isto é, das matérias a lecionar (Português, Matemática, Ciências, etc.); mas sobretudo tem que estar em dia com as *Ciências Pedagógicas*, em seus três grupos: disciplinas filosóficas, científicas e técnicas. E, além disso, é claro, tem que possuir a *vocação* de professor e um certo número daqueles atributos que formam a personalidade do mestre.

Entre as disciplinas *técnicas*, isto é, que fornecem os meios, os instrumentos para a educação, situa-se a nossa "*Prática de Ensino*".

§ 3.º COMPREENSAO DESSAS CIÊNCIAS

As disciplinas pedagógicas *filosóficas* estudam os *fins* do homem e da sociedade, relacionando a Educação com êsses fins e também com a Política do Estado.

As disciplinas pedagógicas *científicas* estudam aquêles *princípios* de que se há de valer a Educação, para obter bom resultado. Tais princípios nos são dados pelas ciências que tratam do homem e da sociedade, a saber: a Biologia, a Psicologia, a Sociologia e a Estatística.

Finalmente, as disciplinas pedagógicas *técnicas* fornecem as diretrizes e os recursos para o ato de educar propriamente dito, isto é, para o *ensino*.

As primeiras nos mostram qual o fim último da Educação, e como êsse fim varia segundo a concepção que se faça do Homem e do Estado. Por exemplo: para a filosofia individualista de um ROUSSEAU, o fim da educação é deixar o indivíduo se desenvolver, desde criança, o mais livre possível, com o mínimo de interferência dos outros (inclusive dos educadores).

Os filósofos *naturalistas* pregam que a melhor educação é obedecer às leis da natureza, afirmando que "o homem deve ser, antes de tudo, um bom animal".

A filosofia socialista e comunista afirma que a realidade última dêste mundo é a sociedade, e que o homem só existe em função da sociedade. Portanto, para elas, educar é socializar, é treinar o indivíduo para ser uma peça da máquina social, ou melhor, da máquina estatal, pois é o Estado todo-poderoso quem determina as formas de vida dessa sociedade.

Finalmente, para a nossa filosofia cristã o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, possui uma alma imortal num corpo perecível, de forma que a educação será tão mais perfeita quanto mais cuidar daquela, da alma, sem esquecer, no entanto, do corpo. O grande filósofo católico MARITAIN afirma: — "Educar é espiritualizar".

O segundo grupo de disciplinas pedagógicas fornece as *bases* para a Educação: não podemos educar de qualquer maneira, segundo os nossos desejos, mas sim e apenas seguindo os princípios científicos, que nos são fornecidos pelas três importantes ciências: a Biologia,

a Psicologia e a Sociologia, completadas pela Estatística (que nos mostra a situação da Educação em cada lugar, através dos números), e pela Educação Comparada (que estuda os sistemas de educação de cada país, comparando-os entre si).

O terceiro grupo de disciplinas pedagógicas, nos fornece os *caminhos* para realizarmos a educação, isto é, para atingirmos aquêles *fins* visados e dentro dos *princípios* estabelecidos.

A educação, para produzir bons frutos, tem que seguir as normas práticas da *Higiene Escolar*, deve situar-se dentro das determinações da *Legislação Escolar*, obedecer aos cânones da *Administração Escolar*, seguir os caminhos traçados pela *Metodologia* ou *Didática*, desenvolver a *Orientação Educacional* junto ao educando, e, enfim, o professor, na sua tarefa cotidiana, precisa obedecer às normas da *Prática de Ensino*.

Usando de uma linguagem jurídica, a que os estudantes de Pedagogia não estão muito afeitos, as disciplinas filosóficas e científicas são de natureza *substantiva*: contém a *essência* da educação, enquanto que as disciplinas técnicas são de natureza *adjetiva*: fornecem as *normas* de ensino.

Repare-se, por isso mesmo, que os dois primeiros grupos se referem sempre à *Educação*, enquanto o terceiro grupo se refere à *escola* e ao ensino, isto é, à maneira de se aplicar, ministrar a educação.

Resumindo tudo quanto foi desenvolvido neste parágrafo podemos dizer que:

| | |
|---|---------------|
| as disciplinas filosóficas nos dão o porque | } da Educação |
| as disciplinas científicas nos dão o que | |
| as disciplinas técnicas nos dão o como | |

§ 4.º) CONCEITO DE PRÁTICA DE ENSINO

Já chegamos, assim, a uma primeira aproximação que nos permite conceituar a *Prática de Ensino*: é uma disciplina pedagógica técnica, de natureza *normativa*,

isto é, que fornece as normas para o trabalho diário do professor em sua classe.

Podemos definir a Prática de Ensino como o conjunto de regras que permitem ao mestre obter o maior rendimento em suas aulas.

A "Prática de Ensino" não é, portanto, a rigor, uma matéria nova, com conteúdo próprio, diferente do das demais, e sim a disciplina que nos fornece técnicas, isto é, maneiras — as melhores maneiras de lecionar. Por aí se vê o contrassenso de certos livros e de alguns professores de Escola Normal que dão Prática de Ensino... teórica!...

Se existe cadeira, no currículo da Escola Normal, que tenha de ser prática, evidentemente essa é a... Prática de Ensino.

Por isso, a dividimos aqui em três partes:

- a) Princípios e técnicas da Prática de Ensino;
- b) O estágio da aluna-mestra;
- c) Iniciando o magistério.

A segunda e a terceira parte são a aplicação daqueles princípios práticos aprendidos na primeira parte.

§ 5.º) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Explicar a evolução do conceito de Pedagogia:
 - a) Antigamente como "a arte de ensinar";
 - b) Modernamente como "a ciência da educação";
 - c) Hoje em dia como "o conjunto das Ciências Pedagógicas".
2. Traçar o quadro das Ciências Pedagógicas, separando-as em estudo dos "fins", dos "princípios" e dos "meios".

3. Localizar a "Prática de Ensino" nesse quadro e justificar por quê.
4. Mostrar a diferença entre "Metodologia" e "Prática de Ensino".
5. Explicar o sentido da frase de MARITAIN: "educar é espiritualizar".

§ 6.º) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — "Fundamentos de Educação", volume 1.º da coleção "A Escola Viva"; Editôra Aurora; 5.ª edição; Rio, 1960.
2. DEWEY, John — "Democracia e Educação"; Editôra Nacional; São Paulo, 1936.
3. LUZURIAGA, Lorenzo — "Pedagogia"; Editorial Losada; Buenos Aires, 1957.
4. MATTOS, Luiz Alves de — "Sumário de Didática Geral"; Editôra Aurora; 2.ª edição; Rio, 1959.
5. THOMAS, Frank — "Principles and Technique of Teaching"; Houghton Mifflin Co.; New York, 1927.

CAPÍTULO II

Conceito de Ensino

§ 7.º) QUE É ENSINO?

Uma cadeira de "Prática de Ensino" ou um livro sôbre essa matéria tem que começar por fazer as seguintes indagações:

- Que é ensino?
- Para que se ensina?

Respondidas essas duas indagações, far-se-á, então a explanação do tema fundamental:

- *Como se ensina.*

Tema êsse que é exatamente o conteúdo da Prática de Ensino.

Começemos, portanto, dizendo o que é ensinar, o que é ensino. Numa primeira aproximação, podemos dizer que

ensinar é transmitir conhecimentos e atitudes. (1)

(1) Há professôres e autores que têm a preocupação do detalhe pequenino, da filigrana, procurando sempre estabelecer diferenças, "nuances", questões quase imperceptíveis. Sempre que existirem tais filigranas, nós as daremos aqui, no rodapé da página, a fim de não sobrecarregar o texto e dificultar o aluno. Então, aqui vai a primeira: alguns professôres fazem questão de diferenciar, dizendo "ensino é a arte de transmitir conhecimentos e despertar atitudes", visto que atitudes não se "transmitem", mas sim se "despertam". Ai fica a observação.

Ou: o ensino é a arte de transmitir conhecimentos e atitudes. Mas podemos distinguir na palavra "ensino" três diferentes sentidos, muito aproximados entre si:

- (a) Ensino é o ato de transmitir conhecimentos;
- (b) Ensino é o conteúdo, o conhecimento que se transmite;
- (c) Ensino é a atividade do professor em sua aula.

No primeiro sentido, dizemos: "o ensino de Geografia nessa escola está sendo bem conduzido". No segundo sentido, existe a expressão "Programa de Ensino", que significa conjunto dos conhecimentos a serem transmitidos aos alunos, em uma determinada série. No terceiro sentido, dizemos: "o professor José ensina bem", isto é, sabe conduzir bem a sua aula.

Nesse terceiro sentido é que se emprega a expressão "*Prática de Ensino*", ou seja, a maneira de o professor bem conduzir suas aulas, para obter os melhores resultados possíveis com a turma.

Devemos lembrar aqui o que já foi dito em Psicologia (1): a personalidade humana é formada por estruturas ou capacidades, como se vê no quadro abaixo:

- | | | |
|----------------------|---|---------------------------|
| Personalidade humana | } | 1) Capacidade religiosa |
| | | 2) Capacidade física |
| | | 3) Capacidade moral |
| | | 4) Capacidade intelectual |
| | | 5) Capacidade social |
| | | 6) Capacidade política |
| | | 7) Capacidade econômica |
| | | 8) Capacidade artística |

(1) Vide SPRANGER, Eduardo — Formas de Vida (Psicología y Ética de la Personalidad); Revista de Occidente; Buenos Aires, 1946.

Isto nos permite diferenciar bem "ensino" de "educação": esta, a educação, é a formação do homem, é a preparação para a vida, é o desenvolvimento harmônico e integral das capacidades do indivíduo, acima citadas.

Enquanto isso, *ensino* (segundo o conceito vulgarmente aceito) é a preparação intelectual do aluno. É o conjunto das matérias formais (Linguagem Matemática, Ciências Sociais, Ciências Naturais, etc.). Portanto, nesse conceito, o ensino é *a parte* e a educação é *o todo*.

Exatamente porque o ensino (também chamado instrução) é apenas uma parte do todo educacional, é que os órgãos do governo incumbidos da formação da infância mudaram de nome, passando a se denominarem "Departamentos de Educação", ao invés de "Departamentos de Ensino" ou "de Instrução", como antigamente se chamavam. Com isso, o governo quis demonstrar que a finalidade da escola não é dar "ensino", "instrução", "preparo intelectual", mas sim *formar a personalidade do aluno*, isto é, dar *educação*.

Infelizmente, na prática, o desejo das autoridades ainda continua muitíssimo aquém da realidade escolar brasileira. Mas já significa uma grande vitória: já se reconhece oficialmente que a finalidade da escola não é apenas *ensinar*, e sim *educar*.

Mas a palavra "ensino" tem ainda uma outra significação, em face da palavra "educação": podemos considerar a *educação* como o objetivo a alcançar, enquanto que *ensino* é o instrumento a usar, para se atingir aquele objetivo. Nesse caso, o *ensino* é a transmissão dos conhecimentos e atitudes necessários à educação.

Feita esta explicação, de que a educação é infinitamente mais importante do que o ensino, voltemos a

afirmar que neste volume o problema a abordar é especificamente o *ensino*, isto é, a arte de ensinar, as maneiras de ensinar, ou, em uma palavra, a PRÁTICA DE ENSINO.

§ 3.º) PARA QUE SE ENSINA?

Na antiguidade não havia escolas: os pais ensinavam diretamente aos filhos tudo que eles precisavam saber para viver bem na sua comunidade, no seu meio, no seu mundo. À medida, porém, que o mundo se foi complicando, já os pais não tinham mais tempo (nem, às vezes, competência) para ensinarem os filhos: começaram, então, a contratar filósofos para esse fim. Outras tantas famílias compravam um escravo especial para esse mister: o *pedagogo*.

Pais, filósofos ou escravos-pedagogos tinham todos o mesmo objetivo: preparar a criança para se integrar na vida. Mais tarde, na Idade Média, a Igreja passou a tomar a si esse encargo de preparar a infância e a juventude: e assim surgiu a *escola*. Posteriormente indivíduos e instituições particulares, leigas, abriram também as suas *escolas*, e, por fim, o Estado, isto é, os governos dos países, passaram não só a criar suas próprias escolas, como também a fiscalizar, dar assistência e orientação às escolas religiosas ou leigas. A finalidade da escola era, portanto, como acabamos de ver, *preparar para a vida, ensinar a viver*.

Mas com o correr dos séculos a escola, fechada dentro das suas quatro paredes, foi perdendo contato com a vida. Esta última continuou evoluindo, modificando-se sem cessar; e a escola foi ficando para trás, foi ficando *fora de fase*. De forma que chegamos aos tempos atuais com uma escola ensinando cousas que já não têm mais correlação com a vida.

O professor gasta horas e horas preciosas (que somam, ao fim do curso, meses, senão anos) procurando encaixar no cérebro das crianças muitas cousas que,

ou são totalmente inúteis, ou, pelo menos, são de muito pouca utilidade.

É mister, portanto, fazer-se uma renovação profunda em nosso ensino. Formulemos de novo com coragem a pergunta: — para que se ensina? E a resposta é: — ensina-se com o fim de preparar o indivíduo para a vida. Então, o ensino tem que estar fortemente ligado à vida!

Ao lado dos valores eternos, de caráter espiritual e moral, ao lado dos conhecimentos imutáveis, que constituem a base da vida humana, o ensino tem que abordar os problemas da vida atual, aqueles com os quais a criança se defronta a cada dia, os problemas que são os da própria comunidade à qual a escola tem obrigação de servir.

— Para que se ensina? Não é apenas para encher o cérebro infantil de conhecimentos teóricos, de termos bonitos, de palavras difíceis, de regras gramaticais, de fórmulas matemáticas, de listas de nomes geográficos e históricos...

— Para que se ensina? Para preparar a criança para a vida. Então, vamos ensinar aquelas cousas que são mais necessárias à vida; vamos dar ao menino ensinamentos referentes à sua saúde, à sua conduta moral, à sua vida social, aos problemas econômicos da sua comunidade, a tudo isso que constitui a vida normal de uma criatura humana comum.

E ao lado disso, vamos ensinar o aluno a amar o Belo, o Bem e a Deus, princípio e fim de tôdas as cousas.

O próprio ensino das matérias formais (Linguagem, Matemática, Ciências Sociais, Ciências Naturais, etc.), que ocupa a quase totalidade do tempo das nossas escolas, precisa estar muito mais ligado à vida, aos problemas da vida diária do aluno.

Apenas dois exemplos, para fixar bem nosso ponto de vista. Na aula de Português, precisamos ensinar menos verbos irregulares e defectivos, dêsses que o

aluno nunca irá empregar em sua vida, e deter muito mais nossa atenção nas formas verbais comuns, ensinando a criança a falar corretamente, dentro e fora da escola, a nunca mais dizer "tu é", "nós vai", "nóis sêmo", "eu vi êle", "eu lhe vi", "êle foi pêgo", e outras cousas dêsse gênero.

E em Matemática, vamos preocupar-nos menos com dízimas periódicas e muito mais com as 4 operações, com percentagem, com desconto, com os pequenos problemas aritméticos da nossa vida diária. E assim por diante.

Em resumo: — ensinar para a vida.

§ 9.º) O QUE SE ENSINA

Do que acabamos de dizer, não se conclua que achamos de menor importância o ensino das matérias formais, isto é, do Português, da Matemática, das Ciências. O que desejamos, sim, é que essas matérias não constituam o objetivo único da escola; que a "instrução" não abafe a "educação". Que os professores não considerem o ensino do Português e da Matemática mais importante que a formação moral e social da infância. Que a saúde da criança constitua uma preocupação maior do que o conhecimento dos acidentes geográficos do país.

Por outro lado, é preciso que *o que se ensina* sejam mais "atitudes" do que "conhecimentos". Quer nas matérias formais, quer no campo moral e social o ensino de *atitudes* é muito mais importante que o de *conhecimentos*.

"Saber" é importante, mas "saber fazer" ainda o é mais.

Por exemplo: não adianta o aluno "saber" regras de gramática, o que adianta é adquirir a atitude, o hábito de falar corretamente. A vida humana diária é uma sucessão de hábitos. Fazemos a maioria dos nossos atos sem tomar muito conhecimento dêles;

exemplo: andar, comer, respirar, falar, fazer êste ou aquêle gesto. Isto significa que tais atos são *hábitos*. Adquirimos, desde nossa infância, numerosos hábitos, bons ou maus.

Mais ainda: muitas vêzes temos *conhecimento* do que se dever fazer, mas não agimos assim porque não temos tal *hábito*. Não adianta têmos *conhecimento* do que é o Bem: precisamos é ter o hábito de agir bem. (Porque o indivíduo se *habitu*a a proceder bem, tanto quanto se *habitu*a a proceder mal.)

De que vale eu saber que não devo comer com as mãos sujas, se não adquiri o hábito de lavá-las antes da refeição? Ficarei menos sujeito a doenças por causa disso?

Para que adianta a criança saber que deve cumprir tarefas pessoas conhecidas, se continua a não as cumprir?

O garôto *sabe* que não deve atravessar a rua correndo; mas não adquiriu essa *atitude*, e continua a cometer tal imprudência. Será êle "menos atropelado" por causa disso?

Em resumo, na vida humana o *pensamento* e *ação* precisam andar sempre juntos. O homem não vale neste mundo pelo que êle pensa, pelo que êle *sabe*, mas pelo que êle faz.

O indivíduo pode ser muito sábio, mas se não *usa* êsse saber no momento adequado, o mesmo, resulta inútil, tanto para êle próprio como para a coletividade.

É absolutamente inútil a teoria sem a prática: é imprescindível que a escola *ensine a fazer*.

§ 10) OS 3 PILARES DA EDUCAÇÃO RENOVADA

A fim de atingir os objetivos da Educação Renovada, isto é, trazer de novo a *Vida* para dentro da escola, transformar a escola de "casa de ensino" em "casa de educação", precisamos reconstruir a escola sôbre três bases, três pilares novos.

Nós costumamos denominá-los os 3A:

Amor
Atividade
Alegria

e constituem os fundamentos daquilo que chamamos
A ESCOLA VIVA.



10.1) O Amor

A primeira condição prévia para um bom ensino é o Amor: amor do professor pela sua profissão, para que faça do magistério não apenas o seu ganha-pão, mas um verdadeiro sacerdócio; amor do mestre pela sua escola, seja ela o grande grupo escolar da cidade ou a pobre escolinha da roça; e, sobretudo, amor do professor pela criança, pelos seus alunos, principalmente pelos mais pobrezinhos, pelos mais infelizes.

Há profissões em que o homem, para desempenhá-las, precisa apenas ser um bom técnico naquele assunto. Exemplo: o indivíduo pode ser um bom advogado ou um ótimo piloto de aviação sem amar os seus clientes ou os seus aviões. Mas no caso do magistério tal não

acontece: jamais o professor será bom professor se não amar seus alunos, porque só pelo amor poderá conquistá-los, e somente conquistando essas alminhas em flor poderá agir sobre elas, guiá-las, fazê-las descobrir o melhor caminho na vida.

Não se exige do engenheiro, nem do industrial, nem do comerciante que seja um pai para os seus operários ou empregados: mas o mestre nunca merecerá realmente êsse título se não fôr um pouco pai para seus alunos.

O mestre tem que ser *pai*, para compreender os jovens; para ouvi-los com paciência; para repreendê-los com firmeza e carinho ao mesmo tempo; para castigá-los sem ódio; para perdoá-los; para interessar-se pela vida deles; para fazer disciplina sem fraqueza, mas também sem violência.

E só quem ama é capaz de compreender, suportar e perdoar.

10.2) A Atividade

Nenhum ensino pode ser produtivo se não fôr feito *em atividade*, isto é, com a participação *ativa* do aluno. Sem ela, o aluno quedo, mudo e imóvel na sala de aula, pode *decorar* o que o professor está ensinando, mas não incorpora o que aprendeu à sua personalidade. Tal atitude de passividade não será suficiente para a aprendizagem, visto que esta é sempre uma *reação* do aluno.

Aprender não é apenas escutar e “guardar de cabeça”, para repetir depois: esta é a mais baixa, a mais primitiva forma de aprendizagem, que se encontra até nos animais. Aprender é adquirir novas atitudes mentais, novos hábitos, novos tipos de reação.

Aprender é adquirir novas maneiras de encarar as cousas, sejam elas uma conta de multiplicar, ou um fato da Física, seja o conhecimento das plantas ou o respeito ao próximo, seja o hábito de tomar banho ou a apreciação do vale de um rio.

Em suma, a aprendizagem é um fenômeno essencialmente *dinâmico*: exige o desejo, a boa vontade, a colaboração, a atividade do aluno.

Aprender é *modificar-se*, e não pode modificar-se quem está parado, quedo, imóvel, ouvindo com indiferença, senão com enfado e tédio a palavra interminável de um professor que fala sozinho. A aprendizagem supõe e exige a participação *ativa*, disposta e decidida do educando. Daí a necessidade da *Escola Ativa*.

Na prática, essa *atividade* pode revestir-se das mais variadas formas, como passamos a enumerar:

21 FORMAS DE ATIVIDADE PARA REALIZAR A ESCOLA VIVA

1. Aula em forma de diálogo entre o professor e os alunos.
2. Pesquisa do aluno, sobre os assuntos em discussão, nos livros e revistas da biblioteca.
3. Trabalho de grupo (vários alunos formando uma equipe, para apresentarem um trabalho de conjunto, em vez de cada menino fazer o seu, separadamente).
4. Organização de jogos educativos, nas horas do recreio ou de Educação Física.
5. Organização de jogos didáticos, durante as aulas de Linguagem, Matemática, Ciência, etc.
6. Dramatizações, a respeito dos mais variados assuntos de Moral, Civismo, História, Geografia, etc.
7. Confecção pelos alunos (e não pelo marido nem pelo noivo da professora) de cartazes, mapas e quadri-nhos para a sala de aula. Ornamentação da sala.
8. Confecção de álbuns ilustrados com desenhos e recortes de jornais, sobre quaisquer assuntos educativos.
9. Confecção de Trabalhos Manuais das mais variadas espécies.
10. Funcionamento regular, diário, das Instituições Sociais da escola (Clubes Agrícola, da Saúde, Pedagógico, Social, Esportivo, Cívico, etc.; Associação religiosa, Cooperativa).
11. Criação de jornalzinho escolar (feito somente pelos alunos).

12. Organização do jornal-mural, no corredor da escola.
13. Criação dos cargos de monitores ou representantes de turmas.
14. Criação (futura) do Conselho de Estudantes, reunindo os representantes de turmas, para colaborar na resolução dos problemas da vida escolar.
15. Desenvolvimento da arte em tôdas as suas formas: música, canto orfeônico, pintura, desenho, teatrinho de várias maneiras, danças folclóricas.
16. Desenvolvimento da vida social da escola. Organização interna da escola como "sociedade em miniatura".
17. Organização de festas nas datas tradicionais (Dia das Mães, da Criança, Páscoa, São João, Natal, etc.).
18. Comemoração festiva das datas cívicas nacionais e locais.
19. Comemoração dos aniversários dos alunos, na própria sala de aula.
20. Uso dos métodos pedagógicos ATIVOS (Método de Centros de Interêsse, Método de Projetos, Método de Planos de Trabalho ou Unidades de Trabalho).
21. Visitas e excursões educativas.

Note-se que a *atividade* precisa começar sempre pelo professor, que deve dar aulas VIVAS, DIALOGADAS, BEM MOTIVADAS, VARIADAS, que obedeçam às leis da aprendizagem. (1)

10.3) A Alegria

A terceira condição preliminar para um bom ensino é a alegria. A escola sisuda, severa, séria demais, evidentemente não pode agradar à criança, e não agradando, dificulta a aprendizagem. (Vide "lei hedônica de THORNDIKE", na obra "Psicologia Educacional" de nossa autoria).

(1) Sobre "leis da aprendizagem", vide AMARAL FONTOURA, "Psicologia Educacional", volume 5.º desta coleção "A ESCOLA VIVA", Editôra Aurora, Rio.

Isso não significa que os alunos devam estar rindo o dia todo na escola, mas sim que o mestre, por seu bom humor, por sua boa disposição de espírito, por sua segurança no que ensina e pelas boas técnicas que aplica, sabe manter em nível alto a boa vontade, o interesse, o entusiasmo de seus alunos, e de tudo isso resulta um ambiente permanente de agrado, de satisfação, de alegria entre os alunos.

Antigamente acreditava-se que para ser bom mestre era preciso ter a "carranca fechada", barbas compridas, "não dar confiança" ao aluno. O ambiente escolar era o mais pesado possível. Salas com paredes nuas, como os quartéis. Por toda parte, na escola, o silêncio era obrigatório, salvo, é claro, nos recreios. O ambiente era de medo e opressão. Por isso mesmo, as crianças tremiam só com a idéia de ir para a escola. Quando os garotos faziam alguma traquinada em casa, o pai ameaçava: "*fica quieto, menino, se não eu te mando para a escola, hein!!*"

Graças a Deus esse tempo já passou: hoje até a Medicina nos mostra experimentalmente que a alegria faz bem à saúde, ativa a circulação do sangue, proporciona bem estar ao corpo, contribui para o bom funcionamento dos nossos órgãos.

Crianças tristes e infelizes se tornam raquíticas, fracas, mais predispostas às doenças. No campo intelectual, está sobejamente demonstrado que as crianças infelizes, tristes, abandonadas, não desenvolvem regularmente sua capacidade mental, ficam atrasadas, com um Q.I. abaixo do normal (1).

A alegria facilita o trabalho, apressa a cura dos doentes, faz a atividade humana render mais. Por isso nos hospitais modernos existe um "Serviço de Recreação" para os doentes, incluindo jogos, cinema, teatro, passeios em grupos, etc. Nas modernas fábricas se colo-

(1) Sobre Q.I. e sua significação, vide AMARAL FONTOURA, "Psicologia Educacional", volume 5.º desta coleção "A ESCOLA VIVA".

cam alto-falantes nas oficinas, por onde é irradiada música, para alegria dos operários durante o trabalho. Durante a última guerra, os governos contratavam artistas de cinema para irem ao "front", divertirem os soldados.

Não seria possível, portanto, que só a escola fizesse exceção a esse movimento universal em favor da alegria, no seu mais largo sentido, dessa que podemos chamar com razão *a alegria de viver*.

Hoje, até as Ordens Religiosas, cujas regras anteriormente exigiam austeridade e fisionomia fechada, pregam a atividade e a alegria. Em nosso livro "Sociologia Educacional" publicamos vários trabalhos escritos por freiras, nossas alunas na Faculdade de Filosofia, que relatam como é alegre a vida em seus colégios. Beneditinas, Franciscanas, Dominicanas, freiras de Sion, Irmãs de Caridade, e tantas outras Ordens Religiosas, que prestam relevantes serviços à educação da mocidade, tôdas timbram em salientar que *a alegria* é uma nota constante em seus colégios.

E foi um sacerdote quem disse isto:

um santo triste é um triste santo,

o que significa que até para se ser um bom santo é preciso ser-se alegre. Alegre, por exemplo, como SÃO JOÃO BOSCO, o protótipo do santo moderno, que há um século atrás jogava bola com seus alunos, no recreio.

Assim, a alegria deve ser uma característica fundamental da escola e do professor. A alegria facilita a aprendizagem. Torna as crianças mais felizes. É um poderoso dinamismo a impulsionar a educação.

Longe de nós a idéia de que o professor deva passar a aula contando histórias e anedotas, para fazer seus alunos rirem. Não se trata absolutamente disso. Mas uma historieta oportuna, um "caso" pitoresco lembrado a propósito, uma anedota que ilustra o assunto, é

nado no momento são instrumentos do mais alto valor pedagógico.

Nos termos da "*lei do ritmo*", que apresentamos na nossa "Psicologia Educacional", a um período de concentração mental deve seguir-se um intervalo de relaxamento da tensão, de distração do espírito que, a seguir, com mais disposição, retomará o trabalho concentrado. Nesse momento exato é que deve entrar o mestre com a sua historieta ou anedota. A alegria dela resultante (se o mestre souber contá-la com graça...) funciona como recurso de higiene mental. É remédio para o corpo e para o espírito.

As novidades, as cousas que o professor traz de casa para mostrar aos alunos, na classe, espicaçando-lhes a curiosidade, são outras formas de provocar a alegria infantil. Os concursos, os torneios, as disputas entre partidos da mesma classe, sobre temas de Matemática, Geografia, etc., são outra grande fonte de alegria na turma.

Precisamos, porém, fazer uma importante distinção: alegria não é sinônimo de desordem, de indisciplina. O professor não pode de maneira alguma tolerar a indisciplina em nome da alegria. Uma classe barulhenta não significa obrigatoriamente alegria: pode ser apenas falta de disciplina, ausência de controle por parte do mestre.

Tudo, na escola, para ser *educativo*, tem que ser equilibrado, harmônico, sem exageros. "*In medium virtus*" (a virtude está sempre no meio termo).

Acrescente-se, enfim, que alegria não significa apenas essa manifestação externa ruidosa: podemos estar alegres e não estarmos rindo, fazendo barulho. Existe a *alegria interior*, do indivíduo que está satisfeito consigo mesmo, realizando aquelas cousas que gostaria de realizar.

Então, a verdadeira alegria na escola será aquela composta não só da *alegria externa*, da vivacidade e atividade dos alunos em classe, como também da *ale-*

gria interna, do sentimento de felicidade dos alunos. Essa felicidade do aluno, por sua vez, resulta do ambiente harmonioso e amigável, que deve existir na escola; das atitudes carinhosas, mas justas e firmes do mestre; e, enfim, do prédio, das carteiras, do quadro-negro, da ornamentação das paredes. O meio ambiente, no seu conjunto, muito concorre para que o aluno se sinta feliz ou não na escola.

Essa consideração nos leva a duas conclusões: para que o aluno tenha alegria é preciso que o prédio escolar, com tudo que está lá dentro, favoreça essa atitude; e é indispensável que o mestre seja uma criatura *realizada*, isto é, satisfeita consigo mesma, com a profissão que escolheu, com a vida. Por isso dizemos sempre, e aqui repetimos, que magistério não pode ser apenas "profissão", "ganha-pão": tem que ser acima de tudo *vocação, idealismo*, para que o professor possa sentir-se feliz no seu desempenho diário, e transmitir essa felicidade a seus alunos.

Uma professora infeliz, amarga, ressentida com o meio, revoltada com a vida, não pode transmitir senão sentimentos também negativos a seus alunos. E estes não estando felizes na escola, também não aprendem direito. Logo, para que haja *bom rendimento do ensino* é preciso que o mestre esteja ajustado à escola, ao meio ambiente e consigo mesmo.

10.4) Outras condições

Além dos 3 AAA citados, outras condições facilitam, naturalmente, o rendimento do ensino, e não podem deixar de ser lembradas num livro de "Prática de Ensino".

Entre elas citemos:

- a) A aula bem preparada;
- b) A boa motivação da aula;

- c) A boa decoração da sala (mesmo um prédio velho, bem decorado, pode ficar agradável);
- d) A escolha de material didático interessante;
- e) As condições do prédio (tamanho da sala, disposição das carteiras, temperatura da sala e, sobretudo, a sua iluminação);
- f) Finalmente, e como a mais importante dessas "outras condições", as qualidades pessoais do professor (seu temperamento, caráter, boa apresentação exterior, incluindo roupa, penteado, postura, etc., e ainda sua assiduidade e pontualidade).

Dada a importância do fator *prédio escolar*, nós, os educadores, devemos lutar sempre junto aos poderes públicos, imprensa, rádio, instituições privadas, fazendeiros e industriais ricos, para obtermos *melhores prédios para a educação*. Não são apenas os clubes de futebol, os hospitais e as repartições públicas que precisam de boas instalações: as escolas também necessitam ser bem instaladas, para poderem dar o máximo de rendimento.

É claro que uma classe "pode" funcionar, como milhares existem nesse Brasil afora, num galpão, numa tulha, num paiol, num armazém; "pode", mas não "deve". Melhor seria, então, fazê-la funcionar logo ao ar livre, em baixo das árvores. Essa solução só não é o ideal por causa do vento, da poeira, dos mosquitos e dos dias de chuva...

§ 11) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Dar um conceito de "ensino" e justificá-lo.
2. Explicar quais são as 8 capacidades fundamentais que compõem a personalidade humana.

3. Mostrar qual a diferença entre "ensino" e "educação".
4. Discutir amplamente esta pergunta: "para que se ensina?"
5. Explicar a frase "o ensino de *atitudes* é muito mais importante que o ensino de *conhecimentos*".
6. Explicar em que consistem os 3 fundamentos da Escola Viva, os 3 A:

Amor
Atividade
Alegria.

7. Enumerar 5 formas de *atividade* que o professor pode desenvolver em sua classe.
8. Explicar o que está por detrás da frase "Fica quieto, menino, senão eu te mando para a escola, hein!"
9. Mostrar, do ponto de vista da Psicologia e da Didática, a importância da *Alegria* na escola.

§ 12) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AGUAYO, A. M. — "Pedagogia Científica"; Editora Nacional; São Paulo, 1936.
2. AMARAL FONTOURA — "Fundamentos da Educação", volume 1.º da coleção "A ESCOLA VIVA"; Editora Aurora; 5.ª edição; Rio, 1960.
3. BACKHEUSER, Ev. — "Técnica da Pedagogia Moderna"; Civilização Brasileira; Rio, 1934.

4. FERRIERE — "L'École Active"; Éditions Forum; Genève, 1926.
5. SERRANO, Jônatas — "A Escola Nova"; Schmidt Editor; Rio, 1932.

CAPÍTULO III

Objetivos e funções do Jardim de Infância

§ 13) OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

Até bem pouco tempo atrás, a maioria das pessoas pensava que o Jardim de Infância era uma espécie de "depósito de crianças", onde elas permaneciam algumas horas por dia, para darem descanso a suas mães em casa.

Algumas professoras também pensavam assim, e, quando estavam cansadas de lecionar nas classes primárias, pediam transferência para o Jardim de Infância com o fito de descansarem.

Felizmente já evoluímos, também neste campo: hoje a maioria das professoras já sabe que o Jardim de Infância é uma coisa muito séria: é uma *casa de educação*, tanto quanto a escola, e que possui objetivos e funções específicas.

13.1) NASCIMENTO DOS JARDINS DA INFÂNCIA — Antigamente se achava que a educação da criança deveria começar com a chamada "idade da razão", isto é, aos 7 anos, mais ou menos, época prevista para o ingresso nas escolas primárias no mundo inteiro.

Com o desenvolvimento da Psicologia da Criança, a partir do século XIX, começou-se a compreender que a educação infantil não poderia iniciar-se de maneira alguma aos 7 anos: nessa idade o garoto já possuía grande quantidade de hábitos e de atitudes fortemente

enraizados. Se eram *maus hábitos*, tornava-se muito difícil corrigi-los.

Surgiu, então, o "Jardim da Infância", genial criação de FREDERICO FROEBEL, educador alemão, nascido em 1782 e falecido em 1852. O primeiro "kindergarten" ou "jardim de infância" do mundo foi criado na cidade de Blankenburg, em 1836. FROEBEL foi muito feliz na escolha do nome, significando que as crianças são flôres e as educadoras devem cuidar delas como as jardineiras cuidam de seus jardins.

Para FROEBEL as atividades do Jardim deveriam basear-se em três elementos fundamentais: a) o jôgo (atividades lúdicas); b) o trabalho manual, c) o estudo da natureza. Os dois primeiros tinham por finalidade desenvolver o espírito infantil e o contrôle motor, bem como permitir a expansão da atividade criadora dos garotos e dar vasão à sua necessidade de movimento. Quanto ao estudo da natureza, não tinha por finalidade amontoar "conhecimentos" no cérebro infantil, mas sim ensinar a criança a amar as plantas e os animais, e, através da compreensão da natureza, chegar à noção de Deus (FROEBEL era um espírito profundamente religioso).

Como tôda idéia nova e útil, foram os "Jardins de Infância" tremendamente combatidos a princípio, podendo-se afirmar que FROEBEL morreu de desgosto, pela campanha levantada contra sua obra, que chegou a ser proibida e fechada pelo Govêrno alemão, o qual acusou os "Jardins de Infância" de corromperem as crianças!!

O movimento em favor dessa benemérita instituição não parou de crescer, porém, e se alastrou pelo mundo inteiro. Sobretudo tomou enorme incremento a partir da época entre 1920 e 1930, como consequência das transformações sócio-econômicas por que passou o mundo. A guerra de 1914 levou às fileiras e às trincheiras milhões de homens, que tiveram de ser substituídos nas oficinas e nas fábricas por outras tantas

mulheres. Estas não deixaram o lar apenas pelo desejo de ajudar às fábricas, mas porque seus maridos, pais e irmãos no "front" dificilmente podiam prover ao sustento do lar.

13.2) O PROBLEMA SOCIAL E ECONÔMICO — Terminada a guerra, o enorme aumento do industrialismo exigiu, por tôda parte, a permanência da mulher nas fábricas e nas usinas. As dificuldades de vida foram crescendo sempre, e não apenas as mulheres da classe pobre mas também as da classe média: se viram obrigadas a conseguir trabalho, a fim de ajudar no sustento do lar e dos filhos.

Mas aí surgiu o grande problema: trabalhando fora de casa, não podia mais a mãe cuidar da educação de seus filhos, como antigamente. Por outro lado, as mesmas dificuldades de vida fizeram surgir os apartamentos e as favelas, uns e outros sem espaço para as crianças permanecerem à vontade. De forma que o "Jardim de Infância", criado por FROEBEL por motivos de ordem pedagógica, teve de repente um enorme desenvolvimento por imperativos de ordem social e econômica.

E tanto foi pelos motivos apontados, que o Jardim de Infância se multiplicou apenas nos centros urbanos, sendo quase inexistente nas zonas rurais.

Convém ressaltar, porém, que ao lado de sua importante razão sócio-econômica, o Jardim de Infância é cada vez mais necessário por motivos de ordem psicológica e pedagógica, como mostraremos abaixo.

Mais ou menos no início do século os psicólogos chegaram também à conclusão de que aos 4 anos possuía a criança muitos hábitos sobre sociabilidade, alimentação, saúde, etc., já regularmente fortes, razão por que se propõe começasse a educação escolar da criança mais cedo ainda, isto é, aos 3 anos. Surgiu, então, a "Escola Maternal".

Note-se bem que a educação do infante não começa aos 3 anos, mas sim nos primeiros dias de vida. O que se aceitou foi a idéia de iniciar a educação na escola aos 3 anos, pois, como dissemos, acima, até então se acreditava que o ingresso na escola só se deveria dar aos 7 anos.

Portanto, em sentido genérico, *educação pré-primária* é toda aquela dada antes do 7 anos, ou seja, antes do ingresso do garoto no curso primário. Mas, em sentido restrito Educação Pré-Primária é aquela dada na escola, a saber, dos 3 aos 4 anos na Escola Maternal e dos 4 aos 7 anos no Jardim da Infância.

Em alguns lugares se faz uma distinção sutil, apenas de ordem administrativa, considerando como "classe pré-primária" aquela que funciona junto a um Grupo Escolar, ocupando uma sala desse Grupo, e "Jardim da Infância" a instituição que funciona independente, em prédio próprio, com seus três "períodos" (para não chamar de "classes"): dos 4 aos 5, dos 5 aos 6 e dos 6 aos 7 anos de idade.

13.3) DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE INFANTIL — Do que dissemos se deduz que o objetivo da *Educação Pré-Primária* é, evidentemente, educar a criança, antes do seu ingresso na escola primária. Educar e não apenas "passar o tempo", "engambelar" a criança. Educar no sentido exato do termo, isto é, desenvolver a personalidade infantil em todos os seus campos ou aspectos: moral, físico, intelectual, social, artístico, religioso, econômico e político.

Colocamos em primeiro lugar o campo *moral* porque nessa fase da vida infantil a formação de hábitos e atitudes é muito mais importante que a aquisição de conhecimentos intelectuais. Conforme dissemos, a idade de 7 anos é chamada a "idade da razão" porque a partir dela é que ganha desenvolvimento a capacidade

de raciocinar. Então, enquanto esta não chega, vamos tratar de desenvolver *bons hábitos* na criança.

Por outro lado, o grande instrumento de aquisição dos conhecimentos intelectuais é a *leitura*, cujo ensino só deve começar também aos 7 anos: mais uma razão para que demos maior atenção, no período pré-escolar, à formação de hábitos e atitudes.

A criança deve *acostumar-se*, *habituar-se*, a proceder bem, antes de compreender a razão de ser de sua atitude. Exemplos: deve aprender a rezar mesmo antes de poder compreender o sentido transcendental da oração; deve habituar-se a ser cortês mesmo antes de saber o que é a cortesia; deve aprender a tratar bem os outros e a não mexer nas cousas alheias mesmo antes de entender o que é bondade, direito de propriedade, etc.

§ 14) FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

Vistos os objetivos da Educação Pré-Primária — desenvolver a personalidade infantil entre 4 e 7 anos e integrá-la no mundo social — passamos a examinar as funções em que a mesma se desdobra, a fim de poder alcançar aquêles objetivos.

14.1) NO CAMPO MORAL E SOCIAL — Adaptação progressiva da criança à vida da comunidade; formação de hábitos de sociabilidade, disciplina, ordem, limpeza, cooperação e polidez. Respeito aos pais, mestres e pessoas mais velhas. Desenvolvimento de atitudes e hábitos adequados a cada um desses princípios.

14.2) NO CAMPO FÍSICO — Atividades que desenvolvam o corpo, segundo a idade e a constituição; preservação da saúde, através de hábitos higiênicos do corpo, do vestuário, da alimentação, da postura, etc.

14.3) NO CAMPO INTELECTUAL — a) *LINGUAGEM* — Desenvolvimento da linguagem, que é o instrumento fundamental da cultura, da sociabilidade e do progresso humano; enriquecimento do vocabulário, pela constante conversação. Desenvolvimento da compreensão, da imaginação criadora e do raciocínio.

b) *MATEMÁTICA* — Observação e comparação das grandezas; posição e tamanho dos objetos; quantidades das cousas.

c) *CIÊNCIAS* — Observação dos fatos do ambiente; oportunidade para a criança realizar suas próprias experiências; conhecimento do tempo, dos animais e das plantas.

14.4) NO CAMPO POLÍTICO — Aquisição dos hábitos de respeito aos outros, às autoridades constituídas; respeito ao direito alheio; iniciação na tarefa de escolher adequadamente (que é o fundamento do regime democrático).

14.5) NO CAMPO ECONÓMICO — Iniciação ao trabalho organizado (atividades manuais em madeira, modelagem, etc.); valor das cousas e valor do trabalho; atitude de conservar e não destruir; atitude de poupar; valor do dinheiro.

14.6) NO CAMPO ARTÍSTICO — Despertar o bom gosto, o sentimento de beleza, inclusive através da ordem, da arrumação e da limpeza; o colorido; o belo na natureza: no céu, no mar, nas plantas; iniciação na música e no canto; bandinha rítmica; danças; teatrinho de bonecos e de sombras; dramatizações das histórias infantis.

14.7) NO CAMPO RELIGIOSO — Atitude de respeito a Deus e aos Mandamentos, dentro da capaci-

dade de compreensão da criança (por exemplo: mostrar Deus como "papai do céu"). Hábito da oração e da missa aos domingos (ou do culto adotado pela família da criança e pela escola).

§ 15) IMPORTANCIA DA EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

O Jardim da Infância se justificaria pelos seus altos objetivos sociais: oferecer à criança um ambiente sadio, variado e alegre, que não pode existir nos apartamentos reduzidos nem nas favelas. O Jardim assume a tarefa de educar as crianças, quando suas mães, premidas pela necessidade de ganhar a vida, se vêem na obrigação de ausentar-se do lar muitas horas por dia. Evita que os garotos fiquem entregues em casa a uma empregada ignorante e incapaz, ou a uma avó sem fôrças para educá-los, quando não ficam soltos e abandonados pela vizinhança.

Sòmente por desempenhar tal papel de profilaxia social, já o Jardim mereceria todo nosso apoio e aplauso.

Mas a importância dessa instituição é muitíssimo maior: compete-lhe *socializar* a criança, isto é, fazer sua gradual integração na vida social. A vida humana significa *vida em sociedade*. Nascemos numa sociedade (a família) e vamos, com o decorrer do tempo, participando de outras sociedades: a vizinhança, o grupo de amigos, o clube, a oficina ou escritório de trabalho, o partido político, a igreja. Além disso, participamos todos nós da grande sociedade humana, com a qual temos contato a cada instante, na rua, no bonde, no ônibus, no cinema, e ainda através da imprensa e do rádio.

Eis por que dizemos que a vida humana significa sempre vida em sociedade. Queiramos ou não, somos todos *sócios* obrigatórios dessa sociedade que se chama a humanidade, o povo. E a vida seria imensamente

mais feliz se todos cumprissem, a cada momento, seus *deveres de sócio*...

Pois bem: o Jardim de Infância tem, acima de tudo, essa grande finalidade: ensinar as crianças a viverem bem umas com as outras, e a viverem melhor na comunidade.

A criança, ao nascer, é individualista; cresce egocêntrica e egoísta, por instinto natural, e ainda porque em casa sua família a trata como um príncipezinho ou uma princesinha. É o Jardim de Infância quem vai aparar os excessos de individualismo e aproximar as crianças entre si.

E aqui chegamos ao ponto interessante da questão: a inteligência humana se desenvolve sobretudo como uma *reação aos estímulos do meio*. Assim, quanto mais oportunidades e estímulos a criança tiver, tanto mais rapidamente se desenvolverão suas capacidades intelectuais. O Jardim da Infância, promovendo essa troca de estímulos e experiências, facilita grandemente o desenvolvimento intelectual.

Daí resulta que as crianças que freqüentaram um Jardim da Infância têm incomparavelmente mais facilidade em dominar o ensino da primeira série primária!

A êsse respeito não podemos deixar de citar o estudo feito pela nossa ilustre colega d. HELOISA MARINHO, comparando os resultados alcançados no fim da 1.^a série primária por alunos que freqüentaram um Jardim anteriormente.

Diz a distinta educadora que num grupo de 100 crianças que fizeram o Jardim de Infância, 80 foram promovidas, no fim da 1.^a série e 20 foram reprovadas. Num grupo de 100 garotos que não freqüentaram o Jardim, 58 foram promovidos ao fim da 1.^a série e 42 foram reprovados. Tomando agora o Distrito Federal em seu conjunto, o número de crianças provenientes de Jardins e aprovadas ao cabo da 1.^a série primária:

ultrapassa o dôbro do número de crianças aprovadas que não freqüentaram o Jardim.

Fica, assim, provado o valor do Jardim de Infância como elemento acelerador do progresso intelectual das crianças.

§ 16) O QUE O JARDIM NÃO DEVE FAZER

Ao lado daqueles que "não acreditavam" no valor psicológico e pedagógico do Jardim, situam-se aquêles que desejam demais do Jardim: querem que essa instituição não se limite a *socializar* o garoto, mas sim inicie a aprendizagem propriamente dita. Em outras palavras: desejam que caiba ao Jardim de Infância a tarefa de alfabetizar o aluno, desde que seu desenvolvimento o permita.

Sempre nos batemos contra essa idéia. A finalidade dos Jardins não é, em absoluto, fazer concorrência à 1.^a série primária, alfabetizar crianças. É, sim, preparar o garoto para a alfabetização no ano seguinte. Mas preparar, como dissemos, através da *socialização*, do desenvolvimento de hábitos e atitudes convenientes. Sua função é imensa e complexa. Mas de alfabetização, não.

Iniciar a criança na alfabetização antes do tempo é roubar um pouco do seu direito de brincar e correr despreocupadamente, diminuindo o tempo da sua infância, sem vantagem para ninguém, salvo para a vaidade dos pais, que desejam dizer aos amigos: "meu filhinho com 6 anos já sabia ler perfeitamente!"

Mas agora a êsses argumentos de ordem psicológica e social veio juntar-se mais um, de ordem pedagógica: em seus estudos sobre Jardim da Infância, a distinta colega HELOISA MARINHO concluiu que "a alfabetização prematura não dá nenhuma vantagem aos estudos do aluno na 1.^a série". Em 1.100 crianças estudadas, a percentagem de aprovação no fim da 1.^a

série foi de 80% para os alunos que haviam se alfabetizado no Jardim da Infância e foi de 90% para os garotos que não haviam aprendido a ler no Jardim da Infância!!

Diz textualmente a referida professora:

“Ao examinarmos as razões a favor de programa escolar no jardim de infância, verificamos que, além da intenção de auxiliar o trabalho da escola primária, costuma existir forte pressão das famílias interessadas em “adiantar” a escolaridade pela iniciação antes dos 7 anos. A falta de compreensão do meio familiar em relação ao valor educativo das atividades lúdicas da infância constitui sério problema social. Atendendo à procura, multiplicam-se os jardins de infância, especialmente os particulares, que tentam alfabetizar crianças não só de 6 como de 5 anos de idade. **ESSA PRÁTICA ERRÔNEA TEM CAUSADO PREJUÍZOS À CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR.**”

“O programa das classes “pré-primárias” diminui ou de todo elimina as atividades espontâneas, essenciais ao bom desenvolvimento da criança. Pela estatística acima apresentada, verificamos que a restrição das atividades lúdicas a favor de um programa de alfabetização, *diminui, em vez de aumentar, a taxa de promoção ao fim da primeira série escolar.*”

“O obrigar a criança a “progredir” antes do tempo pode prejudicar a sua vida social e emocional. Estudos experimentais comprovam o valor da atividade lúdica espontânea, como é realizada no jardim de infância, não somente para o desenvolvimento intelectual mas artístico. Brincando, a criança aprende a trabalhar e compensa tensões emocionais, tão freqüentes na vida social moderna.

“Na grande maioria dos casos a prática de iniciar a leitura e escrita no jardim de infância roubou inutilmente à criança o prazer e os benefícios da atividade lúdica, deixou de economizar tempo, e tirou da escola

primária a vantagem de apresentar programa atraente pela sua novidade. A desigualdade no preparo anterior dificulta, em vez de ajudar, o trabalho da primeira série primária.

“As atividades do jardim de infância devem evoluir de acôrdo com o desenvolvimento das crianças. Aproveitando a natural expansão dos interesses infantis a professora do terceiro período deverá enriquecer o seu programa com estudos da natureza, excursões, maior variedade de músicas, histórias, pequenas dramatizações, e apresentação de livros ilustrados que incentivam a compreensão literária. *Estas atividades serão mais úteis à vida escolar futura do que noções mal acabadas de leitura e escrita que a criança poderá levar do Jardim.* A experiência antecedente à leitura é decisiva em torná-la significativa. A palavra falada e escrita nada significa se não evocar experiência vivida. São amplos os objetivos da educação pré-escolar. Além de formar hábitos e atitudes sociais, o jardim de infância deve lançar os fundamentos de vida intelectual e artística que mais tarde darão sentido ao estudo e à leitura.”⁽¹⁾

§ 17) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Explicar o conceito errôneo e o conceito certo de “Jardim da Infância”.
2. Mostrar a necessidade do “Jardim de Infância” em face do mundo social atual.
3. Explicar as funções da Educação Pré-Primária nos campos moral, social e físico.

(1) MARINHO, Heloisa — Da influência do Jardim da Infância na promoção da 1.ª série, in “Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos”, n.º 73, janeiro de 1959, página 3.

4. Idem, idem, nos campos intelectual e econômico.
5. Idem, idem, nos campos religioso, artístico e político.
6. Analisar as conclusões da pesquisa da professora HELOISA MARINHO sobre os "Jardins de Infância" (vide §§ 15 e 16).
7. Deve o "Jardim de Infância" ensinar a criança a ler? Sim ou não? Por quê?

§ 18) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. CLAPARÈDE — "Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental"; Livraria Francisco Alves; Rio, 1940.
2. FAURE, Madelaine — "Le Jardin d'Enfants";
3. GAMBOA, Elvira — "Jardines de Infantes";
4. GILL, Carmen — "Orientação do Trabalho no Jardim de Infância"; Rio de Janeiro, 1949.
5. RABELO, Silvio — "Psicologia da Infância"; Editora Nacional; São Paulo, 1943.

CAPÍTULO IV

Objetivos e funções da Escola Primária

§ 19) LEC OU EDUCAR?

Assim como durante muitos anos se pensava que a finalidade do Jardim de Infância era fazer as crianças brincarem para dar descanso à mamãe, assim também se afirmava que o objetivo da Escola Primária era ensinar as matérias fundamentais, ou seja, Ler, Escrever e Contar (o famoso L-E-C) e pouca coisa mais.

Depois, veio uma segunda fase, em que os responsáveis pela escola primária passaram a confeccionar programas de ensino cada vez mais extensos e profundos, incluindo Português, Matemática, Geografia, História, Ciências Físicas e Naturais, Higiene, Desenho, Trabalhos Manuais e Educação Física. O currículo primário ficou composto de 9 (nove) extensas disciplinas, com provas e exames.

Em alguns lugares chegou-se a exigir dos alunos da 5.^a série primária (crianças de 11 anos) certos conhecimentos que compõem o programa da 2.^a e da 3.^a séries ginasiais!!

Felizmente hoje, na maioria dos países, já se compreende que o objetivo da Escola Primária não é apenas ministrar o L-E-C, nem, por outro lado, abarrotar o cérebro da criança com conhecimentos teóricos, livros e mais ou menos inúteis à vida.

Têm os nossos educadores, enfim, compreendido que o objetivo da Escola Primária é um só: — *formar a personalidade da criança*. E quanta coisa existe dentro desse pequeno conceito!

Formar a personalidade significa desenvolver num todo harmonioso o corpo e a alma da criança, estimulando equilibradamente suas capacidades física, moral, intelectual, social, econômica, política, artística e religiosa.

Formar a personalidade quer dizer desenvolver as qualidades individuais tanto quanto as sociais, pois o homem é um ser social, e não pode viver senão em sociedade.

Formar a personalidade se pode dizer abreviadamente numa só palavra: — educar. Então, é exatamente essa a finalidade da Escola Primária: — educar. Educar a criança.

§ 20) FUNÇÕES DA ESCOLA PRIMÁRIA

Para alcançar o maravilhoso objetivo acima dito — educar — deve a Escola Primária desempenhar as seguintes funções:

I) Transmitir as técnicas fundamentais da cultura humana: a *expressão* e o *cálculo*. A expressão pode ser verbal, isto é, através da palavra, e aí temos a *linguagem*, que ainda se subdivide em falada e escrita; e ainda pode ser mímica (por gestos), pictórica (através do desenho e da pintura) e concreta (através dos trabalhos manuais). O desenho é a linguagem a duas dimensões, assim como os trabalhos manuais são a expressão a três dimensões. Igualmente a música, a poesia, a dança são formas de expressão, são linguagens. Por isso é que a Educação Renovada não se limita a ensinar a ler e escrever, mas dedica muita atenção ao desenho, aos trabalhos manuais, às danças populares (*folclore*), ao teatro, à música, ao canto orfeônico.

II) Desenvolver os valores espirituais, dando a máxima atenção à *formação do caráter* da criança, e

despertando atitudes na vida diária de honestidade, amor à verdade, responsabilidade, senso de dever.

III) Realizar a *integração social* da criança, isto é, sua socialização, seu ajustamento aos princípios que regem a vida em comunidade: atitude de servir, de ser útil aos outros, de colaborar, de cooperar (sobretudo em favor dos mais fracos, dos pobres, doentes e velhos); ensinar a *conviver*, isto é, a viver com os outros.

IV) Desenvolver o amor a Deus, o respeito aos preceitos divinos, bem como a prática da Bondade.

V) Despertar o sentimento de Beleza, em relação aos espetáculos da natureza, ao panorama, às árvores. Levar a criança à apreciação estética daquelas atividades citadas no item I): desenho, poesia, pintura, música, canto, dança, teatro.

VI) Despertar a capacidade política, através dos hábitos de respeito à autoridade, respeito ao direito alheio, respeito à lei, amor à Pátria, aos seus heróis e aos seus símbolos.

VII) Despertar nos alunos a compreensão da importância do trabalho, o amor ao trabalho, a compreensão do valor econômico das cousas, inclusive do dinheiro.

VIII) Cuidar da saúde das crianças, através da educação física adequada e da criação de bons hábitos higiênicos, na escola e no lar, inclusive no que se refere à alimentação.

IX) Educação da inteligência, não pelo acúmulo de "conhecimentos" no cérebro do aluno, mas através do desenvolvimento dos hábitos de observar, comparar, procurar saber "o por quê" das cousas, e realizar suas próprias experiências.

Como se vê, as nove funções enumeradas se destinam a fazer a Escola Primária atingir os objetivos citados no parágrafo anterior, ou seja, o desenvolvimento da:

- Educação Física (item VIII)
- Educação Moral (item II)
- Educação Religiosa (item IV)
- Educação Intelectual (itens I e IX)
- Educação Social (item III)
- Educação Econômica (item VIII)
- Educação Artística (item V)
- Educação Política (item VI).

§ 21) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Antigamente a finalidade da escola primária era o L.E.C. Explicar isso.
2. Discutir amplamente esta afirmação:
"a finalidade da escola primária é formar a personalidade da criança."
3. Explicar as funções da escola primária no campo físico.
4. Idem, idem, no campo moral.
5. Idem, idem, no campo religioso.
6. Idem, idem, no campo intelectual.
7. Idem, idem, no campo social.
8. Idem, idem, no campo econômico.

9. Idem, idem, no campo artístico.
10. Idem, idem, no campo político.

§ 22) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — "Fundamentos de Educação", volume I da coleção "A Escola Viva"; Editora Aurora; Rio, 5.^a edição, 1960.
2. BACKHEUSER, Ev. — "Técnica da Pedagogia Moderna"; Civilização Brasileira; Rio, 1934.
3. CLAPARÈDE — "Psicologia da Criança"; 2.^a edição, Francisco Alves; Rio, 1950.
4. DEWEY, John — "Vida e Educação"; Editora Melhoramentos; São Paulo, 1930.
5. FERRIÈRE, Ad. — "Transformemos la escuela"; Imprenta Clarasó; Madrid, 1929.

Unidade II

EDUCAÇÃO INTEGRAL - GLOBALIZAÇÃO DO ENSINO - PLANEJAMENTO DO ENSINO - SOCIALIZAÇÃO DO EDUCANDO

CAPÍTULO V

Educação integral

§ 23) CONCEITO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

Como dissemos no capítulo anterior, a escola primária existe não apenas para ministrar preparo intelectual, instrução, mas sim para *educar a criança*, cuidar do desenvolvimento de sua personalidade.

Vimos também que a personalidade compreende nada menos de oito capacidades distintas:

religiosa
física
moral
social
intelectual
artística
econômica
política.

Ora, se educar é desenvolver a personalidade e se a personalidade se compõe daquelas oito capacidades, então, educar é cuidar do desenvolvimento de tôdas

elas. — Não está lógico? Conclusão: *tôda educação ou é integral ou não é educação.*

Com efeito, não podemos dizer que um indivíduo é “bem educado” porque sabe muita matemática, ou porque é um “crack” no futebol, ou tem muito talento para a pintura, ou porque é muito honesto... Tais afirmativas significam que êle é bem treinado no físico, tem tal ou qual capacidade bem desenvolvida. Mas não que seja bem educado.

Note-se que na linguagem diária é comum considerarmos como “bem educado” o indivíduo que possui “boas maneiras”, que é de “fino de trato”, que sabe tratar muito bem as outras pessoas. Estas qualidades são importantes, sim, e fazem parte da *educação social*, mas não significam tôda a educação. Devemos dizer, então, que tais criaturas têm “uma boa educação social”; mas não que sejam bem educadas.

Se a pessoa só possui aquelas qualidades sociais, e não tem bom caráter (*educação moral*), não cuida da saúde (*educação física*), não gosta de trabalhar (*educação econômica*), não tem preparo intelectual (*educação intelectual*), não sabe respeitar os direitos alheios (*educação política*), não sabe sentir o belo (*educação artística*), não respeita a Deus (*educação religiosa*), então *não é educado*, repetimos, não é educado, apesar de tôdas as “boas maneiras” que possua.

Educação significa *desenvolvimento harmonioso da personalidade*. Educação é desenvolvimento integral, isto é, de tôdas as capacidades da criatura.

Então, se a escola tem por finalidade educar a criança, deve cuidar não apenas do ensino de Português, Matemática e Ciências, mas também dar educação física, moral, religiosa, cívica ou política, social, artística e econômica a seus alunos.

Muito mais importante que a *informação* é, portanto, a *formação* do aluno. BAGLEY diz, de maneira lapidar:

“O valor do ensino se mede pelos ideais que implanta.”

E acrescenta:

“Atualmente o problema pedagógico mais importante é o problema do ideal de formação.”

23.1) A EDUCAÇÃO INTEGRAL NUM CONGRESSO — A nós, que vivemos há vinte anos batalhando em prol dêsse conceito de educação integral, causou o mais profundo contentamento verificar, no IV Congresso Nacional de Professôres Primários, realizado em Recife, em janeiro de 1960, que um dos temas fundamentais do conclave era precisamente a *Educação integral*.

Foi, não há dúvida, um enorme progresso: pela primeira vez na história da educação brasileira surge numa reunião de educadores o problema, tão necessário, da *educação integral*. Durante uma semana inteira professores primários de quase todos os Estados discutiram o assunto, e as conclusões a que chegaram seguem quase exatamente aquilo que já preconizávamos em nosso livro “Fundamentos de Educação”, cuja primeira edição surgiu em 1949.

Abstivemo-nos cuidadosamente de entrar no debate (para não parecer que estávamos querendo “puxar a brasa para nossa sardinha”), razão por que nos sentimos ainda mais felizes ao verificar que as conclusões do professorado brasileiro ali reunido eram bem semelhantes às nossas palavras.

Resta agora que os distintos educadores, presentes ao IV Congresso do Recife, comecem a pôr imediatamente em ação, nas suas respectivas escolas, aquêles princípios pelos quais ali se bateram e que todo o dedicado magistério primário brasileiro siga o mesmo caminho da *educação integral*.

23.2) O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO SEXUAL — Temos evitado até hoje, em nossos livros, incluir

na educação integral o problema da educação sexual das crianças, embora sempre o tratemos em nossas aulas, quando solicitados pelas professoras. Evitamo-lo porque o assunto é tão delicado e grave que poderia ser mal compreendido, através das páginas de um livro, sem a presença do autor, para discutir frente a frente tôdas as dúvidas de interpretação que surgem.

No entanto, no referido IV Congresso de Professores, em Recife, dentro do tema da educação integral surgiu com muita ênfase o da educação sexual. Parece, pois, que já há um certo ambiente para o problema, e nós não poderíamos continuar calados, sob pena de parecer omissão ou medo de nossa parte.

Durante o Congresso do Recife formaram-se duas correntes: uma chefiada pelos sacerdotes ali presentes, que, de público, deram seu apoio à educação sexual na escola primária, "desde que baseada no amor e ministrada como educação moral"; a outra, chefiada por diversas professoras primárias que pediram que a educação sexual fôsse "baseada nos princípios científicos e técnicos que regem a matéria".

Nossa opinião é a seguinte:

- 1) O problema de educação sexual na escola primária é gravíssimo, dada a delicadeza com que tem de ser abordado pelo professor; se êste não estiver fortemente preparado para tratar do assunto, será muito melhor não o abordar. A falsa ciência, ou a meia ciência, nesse assunto, são piores do que a ignorância.
- 2) É evidente que o problema só poderá ser tratado de acôrdo com o desenvolvimento psíquico e biológico da criança, e na medida das necessidades desta.
- 3) Fica, portanto, desde logo excluída categoricamente a idéia de aulas de educação sexual. O assunto poderá ser tratado, em seus termos mais genéricos,

como problema da natureza, como fenômeno da reprodução, nas aulas de Ciências, tal como se trata, na escola primária, dos fenômenos de reprodução das plantas e dos animais (como se reproduzem as aves, os mamíferos, etc.). Nas escolas da roça, o contato que os meninos têm diariamente com vacas e outros animais "esperando cria" facilita muito a discussão do caso na escola.

4) Casos específicos de alunos que denotem maior precocidade sexual ou apresentem problemas nesse campo deverão ser resolvidos também especificamente, isto é, em particular.

5) A solução dos problemas pessoais deve ser feita à luz da *ciência e da técnica*, sim, mas apresentada ao aluno *envolta em amor* e dentro de um ambiente profundamente moral. Aqui, como em toda situação educacional, o professor deve ser um segundo pai. Explicar o fato científico numa linguagem adaptada ao espírito da criança, dentro de uma atmosfera de moralidade, respeito, compreensão, carinho e ternura. Exemplo: se a Glorinha, nossa filhinha, se debruça na janela do apartamento ou quer enfiar o dedo na tomada da luz, nós não vamos falar na "lei da gravidade" ou nas "leis da eletricidade" mas carinhosamente mostramos que ela não deve fazer aquilo, por tais ou quais razões, ao alcance da sua inteligência.

6) Quanto à *oportunidade* de abordar o problema, o juiz será a própria criança. Não devemos nem precisamos precipitar os ensinamentos. Exemplo: a história da cegonha que traz a criança no bico é aceitável pela mestra até o dia em que a própria criança diz: "professôra, eu não acredito nessa história, a senhora quer me explicar melhor isso?"

7) Lembre-se a mestra que quanto mais chamar a atenção da criança para o problema sexual, tanto mais esta ficará impressionada, senão até traumatizada e

complexada. Os fatos devem ser apresentados sem alarde, com segurança, mas com naturalidade e discrição.

Em resumo: a educação sexual deve ser abordada (na escola primária) mais com amor do que à luz fria da ciência, para não traumatizar a criança, e só deve sê-lo quando o mestre se sentir moralmente preparado para isso.

§ 24) EDUCAÇÃO INTELECTUAL

Claro é que, para cuidar dos oito aspectos da educação acima citados, o professor tem que se ocupar menos com a parte formal, intelectual, com a transmissão dos "conhecimentos teóricos" a seus alunos. O tempo escolar não estica: para colocar no currículo alguma coisa, temos de tirar alguma coisa.

Mas é precisamente isso que nós advogamos há muitos anos: que sem deixar de *ensinar*, o professor cuide também de *educar*. Que o mestre diminua um pouco a torrente de conhecimentos de Geografia, História e Ciências, para dedicar-se um pouco mais à saúde, ao caráter, à vida social de seus garotos.

É evidente, também, que para o professor realizar tais mudanças, faz-se mister que os "Programas de Ensino" oficiais o permitam. Mas em quase todos os Estados brasileiros atualmente os Programas já são "mínimos", já fornecem "diretrizes", deixando ao professor uma grande margem de liberdade para se locomover nesta ou naquela direção.

Portanto, dentro dos próprios Programas oficiais atuais há sempre muita coisa que pode ser feita em favor da educação integral, sem quebra da hierarquia e da disciplina que o professor deve às autoridades da Educação.

Como princípio geral, podemos estabelecer o seguinte: dar preferência absoluta para aquêles conhecimentos que vão ser úteis à vida do aluno; é, portanto, o critério da *utilidade*.

Dentro dêsse critério, em Linguagem vamos dar preferência às formas verbais correntes, usadas na conversa diária, para que a criança aprenda a falar corretamente na escola, em casa e na rua. — Para que torturar o cérebro infantil com verbos irregulares jamais usados, com coletivos incríveis, com plurais e femininos que jamais serão usados?

Em Matemática, vamos ensinar bem, e muito bem, as 4 operações, que fazem parte da vida diária de cada um de nós. Mas formulemos contas pequenas, como são as da nossa existência cotidiana, onde não aparece jamais uma conta de dividir com 12 algarismos no dividendo e 7 algarismos no divisor. Preocupemo-nos muito com a aprendizagem do sistema métrico e do desconto, que a cada momento surgem na vida diária. Mas tudo na escala usual, sem insistir demais nos múltiplos e submúltiplos desusados (hectômetro, miriâmetro, hectograma, quilolitro, etc.).

Em Ciências Sociais e Naturais adotemos o mesmo princípio: reforçar a aprendizagem das cousas úteis, de aplicação imediata, e daquelas que fazem parte da experiência do aluno. Conhecer bem o cachorro, o gato, a galinha, o cavalo, o boi é muito mais importante que conhecer espécimens raros da Ásia, África e Pólo Norte. Aprender tudo sobre o problema das secas do Nordeste é evidentemente mais importante que aprender os assuntos da Geografia da Europa.

Note-se que não propomos o abandono dos assuntos estrangeiros e longínquos; não, apenas achamos que sobre eles basta o professor dar uma informação resumida, estendendo-se naquilo que é nosso, da nossa terra e da nossa experiência diária.

§ 25) EDUCAÇÃO MORAL

Alguns mestres julgam que não devem ou não podem dar educação moral porque não existe mais nos currículos aquela antiga disciplina denominada "Educação Moral e Cívica". É um equívoco que precisamos corrigir. O mestre pode e deve dar educação moral mesmo sem a existência de uma matéria assim denominada. Educação moral significa *formação do caráter do educando*, e essa cabe a todo momento, em qualquer aula, durante os ensinamentos de Matemática ou de Linguagem.

Quando o professor, em plena aula de Geografia, chama a atenção dos alunos sobre esta ou aquela atitude a ser tomada pelos discípulos está fazendo *educação moral*. Em síntese, Educação Moral é a formação, no educando, de *regras de conduta*, dentro dos princípios do Bem e da Virtude.

Não pode haver hora marcada, na escola, para se ensinar o Bem. Neste ponto, como em quase todos os outros, a escola deve ser a continuação do lar, ou melhor, a escola bem organizada deve ser a continuação do lar bem constituído. O mestre deve ser um segundo pai. Na escola primária, a professora tem que ser, em muitos aspectos, uma verdadeira mãe. Ora, em nossa casa não temos hora marcada para corrigirmos os erros morais de nossos filhos: nós os esclarecemos e orientamos no próprio momento em que erram, dizendo: "meu filho, não faça isso, por tais e tais razões".

Quando a Glorinha erra, eu corrijo imediatamente; não vou esperar que, no relógio batam dez horas para então lhe dar uma lição de moral. E a correção é muitíssimo mais eficaz se feita no mesmo momento do erro.

Da mesma forma na escola, a professora deve orientar o garoto no momento em que êle comete o erro, ou, conforme seja o caso, chamá-lo em particular, na hora da saída, para ter com o menino uma longa conversa pessoal.

Daí se vê que realmente não deve haver "aula" de Educação Moral, embora o "Programa de Ensino" possa trazer uma relação de assuntos, de Educação Moral, que o professor irá ensinando à medida que houver *motivação* para cada um.

§ 26) EDUCAÇÃO SOCIAL

Consiste a Educação Social em ensinar a viver em sociedade, a *conviver*, isto é, a viver junto com os outros. O homem é um animal social, como já dizia ARISTÓTELES, mas essa sociabilidade tem que ser ensinada, a fim de contrapor-se ao egoísmo natural do homem.

Alguns educadores, partidários da Escola Nova ortodoxa, dizem: "educar é socializar", isto é, tornar o indivíduo um ser sociável, capaz de viver harmonicamente em sociedade, de integrar-se na sua comunidade e de trabalhar pelo bem comum.

Quando JESUS enunciou o seu formoso princípio "*amai-vos uns aos outros*" estava, na realidade, lançando os fundamentos da Educação Social. É precisamente isso que desejamos fazer na escola primária: ensinar as crianças a se estimarem e compreenderem como irmãos. Mas não apenas se estimarem entre si, e sim também estimarem e respeitarem os professores, os parentes, as autoridades.

Possuir *Educação social* significa estar sempre disposto a cooperar, a ajudar os outros, a servir. Na prática da escola primária, a Educação Social compreende uma multidão de pequenos nada, tão importantes: cumprimentar a professora e os colegas; saber discutir sem brigar; saber perder no esporte; ajudar os colegas mais pobres ou mais fracos; reconhecer o valor dos outros; saber ceder sua vez; saber conversar, sem querer falar sozinho o tempo todo; ser cortês; associar-se às alegrias e tristezas dos vizinhos; comemorar

os aniversários dos colegas; e, finalmente, trabalhar pelo progresso da sua escola e da sua comunidade, em todos os sentidos que estiverem ao seu alcance.

Por isso mesmo, nas classes em que a professora procura ministrar *educação integral*, existe sempre na parede um bonito quadro, feito pelos próprios meninos, com a relação dos "*Aniversariantes do mês*". E nos dias marcados, a mestra leva os alunos a fazerem uma comemoração, por pequena que seja, podendo resumir-se no cântico, entoado por todos, do "*parabéns para você*", ou incluir a apresentação do clássico bôlo de aniversário com as velinhas, talvez trazido por alguns colegas.

Educação social, também, é saber receber e conversar com as visitas que vêm à escola, mostrando o que de interessante se está fazendo ali naquela casa de educação.

A *socialização do aluno*, isto é, sua correta educação social se faz sobretudo através das instituições sociais da escola, a saber: clube agrícola, clube de leituras, clube de saúde, clube de civismo, clubes esportivos, associações religiosas, cooperativa, biblioteca, museu, etc. São essas instituições que oferecem aos garotos a oportunidade de *viver* os ensinamentos sociais, nas suas reuniões, sessões de diretoria, assembléias, festas, excursões, torneios, etc.

Para uma educação social eficiente, devemos dar toda ênfase ao *trabalho de equipe*, tão mais necessário quanto sabemos que o povo brasileiro é individualista por índole e por influência do meio. Precisamos ensinar nossa infância a *trabalhar com*, a *agir com*, ajudando os outros, e sendo pelos outros ajudada.

Para desenvolver esse *espírito de equipe* entre as crianças, alguns educadores aconselham que os alunos não se sentem em carteiras do tipo clássico, simetricamente dispostas, mas sim em mesinhas de quatro lugares, espalhadas pela sala. Nesta hipótese, os tra-

balhos escolares, em vez de serem feitos pelos alunos, individualmente, serão também elaborados em comum, pela equipe.

§ 27) EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Fazer educação artística não significa preparar artistas na escola, mas sim despertar nas crianças o gosto pelo belo, pelo agradável à vista e ao ouvido, pelos panoramas da natureza. A educação artística se inicia, portanto, quando o professor faz o aluno gostar da sala de aula bonita, limpa, bem arrumada, com quadros e cartazes nas paredes, com plantinhas em cima das carteiras e vasos com plantas espalhados na sala e nos corredores.

Devemos insistir nesse ponto: toda escola precisa oferecer um ambiente agradável, alegre, florido, cheio de plantas.

Toda escola oferece inúmeras oportunidades para a educação artística de seus alunos: as comemorações das festas de aniversário já citadas; as reuniões dos diversos clubes e associações da escola; as festas folclóricas predominantes na região; as comemorações da Páscoa, de São João, de Natal; as festas cívicas, etc., etc.

Salientemos a importância da dramatização e do teatro na escola primária. A dramatização é um arremedo de teatro, muito simples, sem palco, sem papéis decorados. Qualquer assunto pode ser dramatizado: a descoberta do Brasil, os animais domésticos, as estações do ano, os dias da semana, os coletivos, os advérbios. Na dramatização cada aluno escolhe um personagem e inventa as falas, de acordo com o que estudou ou leu sobre o assunto.

Imagine-se, por exemplo, que delícia seria um diálogo entre a velha e a nova capital do Brasil, ou então entre a criança da cidade e a do campo, ou ainda entre os rios Amazonas, São Francisco e Paraná.

Quanto ao teatro, pode assumir as mais variadas formas: desde o tipo comum, em que os alunos ensaiam os papéis, sob a orientação do professor, até o teatrinho de fantoches, organizado e construído na própria escola. E ainda há o teatro de sombras, o teatro de máscaras, o teatro mímico.

Grande valor psicológico tem êste último, o teatro mímico, pela oportunidade que dá à criança de exteriorizar, sem palavras, só pela expressividade de seus gestos, aquêles sentimentos que de outra forma, talvez, não se animasse a demonstrar.

É preciso que o professor compreenda esta coisa importantíssima, fundamental mesmo, para a Educação: cada aluno tem seus problemas e angústias, suas frustrações, suas situações recalçadas, e tudo isso vai *envenenando a alma*. Então, é imprescindível que a Educação proporcione variadas oportunidades de a criança se libertar das peias e barreiras (por vezes asfixiantes), se desrecalcar. Os recreios barulhentos, os esportes, os jogos são formas de desrecalque, são válvulas de decompressão psíquica. Mas talvez nenhum dêles sirva tanto a essa necessidade de libertação e de expressão pessoal quanto a *atividade artística*, que é essencialmente criadora, permite a livre expressão da personalidade.

A arte tem essa grande função de *purificadora da alma*; na escola primária é uma imprescindível forma de expressão dos problemas psicológicos infantis, que torna a criança mais feliz e permite ao mestre melhor conhecer os seus alunos, a fim de resolver aquêles problemas.

Dá a atenção especial e cuidadosa que devem merecer na Escola Renovada as festividades, a música, o cântico orfeônico, as várias espécies de teatro acima citadas, as danças regionais, e, para as criancinhas da 1.^a série, a bandinha rítmica.

Uma última palavra quanto aos recitativos individuais: salvo casos excepcionais, devem ser evitados,

porque se apresentam as mais das vezes muito maçantes para quem os escuta, e não oferecem grande oportunidade para a criação artística ou para a descarga afetiva acima referida. Deve ser dada sempre preferência aos números coletivos, aos conjuntos, que são muito mais interessantes para o público apreciar e desenvolvem o espírito de equipe, o senso de comunidade.

§ 28) EDUCAÇÃO ECONÔMICA

Consiste a Educação Econômica em incutir no espírito das crianças o valor do trabalho, despertar nelas o gosto pelo trabalho, seja na classe, no jardim, na horta escolar ou em casa.

Inclui ainda a educação econômica a aprendizagem do valor do dinheiro, bem como a necessidade de poupar, de usar bem as cousas, de concorrer para sua conservação e impedir a todo custo sua destruição, levada a efeito quase inconscientemente pelas crianças.

A Economia Doméstica é um aspeto particular da Educação Econômica a ser bem desenvolvido em nossas escolas primárias. Meninos e meninas precisam aprender a fazer uma série de atividades caseiras da maior utilidade, inclusive execução de pequenos reparos, confecção de objetos úteis para a sala, o quarto, a cozinha, tais como caixas, mesinhas, bancos, objetos de lata, etc.

Existe uma infinidade de cousas que se podem fazer com o aproveitamento de matérias primas que nada custam, como por exemplo papelão, caixotes de madeira, latas vazias, chifre, ossos, côco, bambu, buxa, etc.

Nas escolas que fornecem merenda escolar, as meninas podem ser levadas a colaborar no preparo e distribuição da merenda, arrumação da sala, etc. Se houver Clube Agrícola, os meninos receberão vívidas lições de economia, que irão desde o preparo da terra até a colheita e aproveitamento industrial dos produtos

agrícolas. Nem é fora de propósito imaginarmos que os próprios alunos possam vender seus produtos, seja nas casas dos vizinhos, seja na feira local.

§ 29) EDUCAÇÃO POLÍTICA

Pensam algumas pessoas que dar educação política é "fazer política dentro da escola", razão por que a combatem tenazmente. É um enorme equívoco. Empregamos aqui a palavra "política" no seu verdadeiro sentido etimológico: Política, com P maiúsculo, é a ciência do governo e da administração. Governo da nação e administração do município, da cidade, do distrito.

Os homens vivem reunidos, em povoados, vilas, cidades, distritos, municípios, estados, nações. Para poderem viver mais ou menos em paz, precisam de autoridades que executem as leis e autoridades que velem pela garantia dessas leis (isto é, a Justiça). Leis, autoridades e governo constituem, em seu todo, um sistema, denominado sistema político ou *regime político*.

Na maioria dos países, inclusive no Brasil, vigora o *regime democrático*. Mas êste, por ser o mais perfeito, é também o mais complexo e de mais difícil execução. Precisa ser aprendido, tal como se aprendem as quatro operações. Baseia-se na escolha do governo através do voto do povo. Votar significa escolher entre vários candidatos qual o melhor. Para escolher é necessário meditar, comparar, julgar. E tudo isso reunido é que se chama *educação política*.

Portanto, ter educação política é saber participar da vida política da nação, é saber votar acertadamente, é saber respeitar as leis e as autoridades, é ter espírito de justiça, é respeitar o direito do nosso vizinho, por mais pobre e humilde que êle seja.

Ora, onde pode ser aprendido tudo isso senão na escola? Exatamente porque a escola até hoje não tem

dado atenção à educação política de seus alunos é que nossas eleições ainda deixam tanto a desejar, e grande parte do povo ainda não sabe como votar, vota "em qualquer um", por comodismo, por indiferença, por displicência.

Milhares de vêzes temos ouvido esta queixa: o povo brasileiro não tem preparação política, não tem educação política. — Como há de ter, perguntamos nós, se ninguém lhe ensina isso?

A escola precisa, então, dar urgentemente educação política a seus alunos. E as oportunidades para tal fim, na escola primária, são numerosíssimas. Exemplos:

— Aproveitar as datas nacionais para fazer comemorações, através da instituição escolar que se chama "Centro Cívico" ou "Clube de Civismo":

— Levar os alunos a organizarem suas próprias instituições sociais (Clubes — Associações — Grêmios, etc.), elaborando os regulamentos, escolhendo as diretorias por meio de voto e realizando reuniões amiudadas;

— Criar cargos auxiliares na administração da classe ou da escola, fazendo os alunos escolherem, por meio do voto, os colegas para ocuparem tais cargos;

— Criar o "*Conselho de Estudantes*" ou "Conselho Escolar", destinado a encaminhar e resolver, sob a orientação do professor, os casos de disciplina e da vida interna da escola, cabendo a cada classe eleger seus representantes nesse Conselho.

Em suma, os fundamentos da democracia devem ser iniciados nos bancos escolares, com a distribuição cuidadosa da justiça, com a igualdade de todos os alunos, sem distinções nem privilégios de espécie alguma, com o respeito que todos devem ter pelo direito de cada um, com a obediência aos regulamentos e o res-

peito à autoridade. *A democracia começa na escola.* Sem educação política do povo, iniciada na escola primária, a democracia será um regime frágil como no Brasil, prêsna fácil nas mãos dos demagogos e dos maus políticos, tudo resultando da falta de preparação política do nosso povo.

§ 30) EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Parece que a quase totalidade dos educadores hoje em dia já aceita a idéia da religião na escola, contra a qual se levantaram anteriormente tantas barreiras. De nossa parte, sentimo-nos felizes porque sempre advogamos *a escola com Deus*, e vimos, afinal, essa idéia consagrada na Constituição Brasileira.

O problema, pois, já não é mais saber se dentro da Educação há lugar para a Religião, mas sim saber como ministrar essa educação religiosa. Muitos mestres que têm religião alegam não a ministrar na escola por não saberem lecionar.

Ora, não é imprescindível que tôdas as professôras lecionem o catecismo. Pode-se dar educação religiosa mesmo sem a aprendizagem formal daquele. Ensinar às crianças o amor a Deus, o respeito aos Mandamentos e aos preceitos religiosos fundamentais, que devem existir no coração de tôdas as criaturas, independente da crença a que pertençam — tudo isso é dar educação religiosa.

Mas o mestre pode ir além e esforçar-se para dar, ou obter quem dê o catecismo, promover na escola missas e a primeira comunhão dos alunos, comemorar as festas religiosas, celebrar a semana da Páscoa, dar especial relêvo aos santos educadores e que se dedicaram aos problemas sociais, como DOM BOSCO, SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE, SÃO VICENTE DE PAULO, SÃO JOSÉ DE CALAZANS, etc.

Pois se atualmente em todos os quartéis, navios, guarnições militares, bases aéreas, penitenciárias, etc., se realizam missas e comunhões, como negar êsse mesmo direito à escola?

O único cuidado do mestre será obedecer a Constituição Brasileira e as leis do ensino vigentes, respeitando a liberdade de crença e a formação religiosa dos pais das crianças.

Tenhamos sempre presente aquela maravilhosa frase de PESTALOZZI:

— *“Sem Deus e sem caridade o homem não é homem: é bárbaro.”*

§ 31) EDUCAÇÃO FÍSICA

Assim como o mestre não deve deixar de lado a educação religiosa porque não sabe lecionar catecismo, assim também, não deve abandonar a educação física de seus alunos somente porque não sabe lecionar ginástica.

Aliás aqui a desculpa ainda é menos razoável, porque em tôdas as Escolas Normais as futuras professôras recebem aulas de ginástica e praticam esportes.

Mas educação física não é só “dar ginástica”: é também ensinar aos alunos os princípios da higiene necessários à conservação da saúde; é orientar as crianças quanto à melhor maneira de alimentar-se, de sentar-se na carteira, de segurar o livro para ler e o caderno para escrever. É criar nos alunos a “consciência da limpeza”, o hábito do banho, de andar com as mãos, unhas e orelhas limpas, etc.

Cuidar da educação física é estimular os alunos a organizarem jogos esportivos, corridas, atletismo. É

levá-los em passeios ao ar livre, marchas e excursões a localidades próximas.

É interessante registrar que os antigos tinham muito mais a consciência do valor da saúde corporal: o atletismo e as olimpíadas nasceram na velha Grécia, há mais de 2.000 anos atrás; e a mais completa síntese da personalidade humana foi enunciada pelo poeta latino, ao proclamar: "*mens sana in corpore sano*". Pois é exatamente êsse o ideal da Escola Renovada: o espírito sadio num corpo sadio, uma alma sã num corpo são.

§ 32) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Que é educação? Formule sua própria definição.
2. Explicar o que é "educação integral".
3. Discutir o princípio: "Tôda educação ou é integral ou não é educação".
4. Discutir esta afirmação:
"Não deve haver aula de educação moral na escola primária".
5. Citar 3 ou 4 formas através das quais a escola pode apressar a socialização do aluno.
6. Relacionar o princípio da Educação Social com o princípio do CRISTO: "*amai-vos uns aos outros*".
7. Mostrar detalhadamente o que pode o professor fazer em prol da educação em cada um dêstes campos:

- a) Educação moral
- b) Educação religiosa
- c) Educação econômica
- d) Educação intelectual
- e) Educação política
- f) Educação artística.

§ 33) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — "Fundamentos de Educação"; volume I da coleção "A ESCOLA VIVA"; Editôra Aurora, 5.^a edição; Rio, 1960.
2. BACKHEUSER, Ev. — "Técnica da Pedagogia Moderna"; Editôra Civilização Brasileira; Rio, 1932.
3. DEWEY, John — "Democracia e Educação"; Editôra Nacional; São Paulo, 1934.
4. FERRIÈRE, Ad. — "Transformemos la escuela"; Imprenta Clarasó; Madrid, 1929.
5. PIO XI — "Encíclica "Divini Illius Magistri"; Editôra Vozes; Petrópolis, 1929.
6. SERRANO, Jônatas — "A Escola Nova"; Schmidt Editor; Rio, 1932.

CAPÍTULO VI

Planejamento do Ensino

§ 34) CONCEITO DE PLANEJAMENTO

Tôda criatura humana normal *pensa* antes de *agir*. Quando quer realizar alguma cousa, primeiro medita, pesa as dificuldades, ordena os recursos de que dispõe e, enfim, traça (mesmo que seja só mentalmente) seu plano de ação.

Essa é exatamente a marca característica do gênero humano, que a diferencia dos restantes animais: a capacidade de meditar, tanto assim que a definição da nossa espécie é "*o homem é um animal racional*", isto é, que raciocina, que pensa para agir.

Plano, portanto, é tudo aquilo que pretendemos realizar e os meios de fazê-lo. E *planejamento* é a atividade mental de organizar, concatenar o plano. É o ato de traçar o plano.

§ 35) IMPORTANCIA DO PLANEJAMENTO DO ENSINO

Ora, se tudo na vida deve ser *planejado*, para poder dar certo, desde a ida à costureira até um passeio, desde o preparo de um jantar até a relação de compras a fazer na rua, então com muito mais razão deve ser planejado o *ensino*, que é uma das atividades mais complexas e mais cheias de responsabilidade que um indivíduo pode assumir.

Não planejar o ensino significa ensinar qualquer coisa, ao acaso, ao sabor das lembranças que vierem ao professor no momento. Pois se até a cozinheira *planeja* diariamente o almoço ("patrôa, o que é que vai ser o almoço hoje?"), como pode uma professora se defrontar com uma classe de 40 crianças sem *planejar*, isto é, sem saber o que lhes vai dar naquele dia, durante várias horas?

Verifique-se que no mundo moderno tudo é planejado: os governos traçam "planos quinquenais" (como na Rússia, China, Alemanha); o governo brasileiro estabelece as célebres "metas" a alcançar em 5 anos. Existem Associações de Planejamento e cursos especiais para este fim. Todas as grandes repartições e empresas modernas possuem uma "Divisão de Planejamento". — Como admitir, então, que a educação e o ensino, tarefa das mais graves que um homem pode desempenhar, se realize sem um planejamento?

Reconhecemos que na escola tradicional, escola de "ensinar matérias", o plano não era muito necessário. O mestre sabia que hoje iria dar o "ponto 3", amanhã o "ponto 4" e assim sucessivamente. E de cada ponto daria aquilo que ele já sabia quase de cor, pois já dera o ano passado e o ano atrasado. Reconhecemos também que a prática é um elemento de extremo valor, e que um profissional (seja professor ou médico ou pintor) com prática vale mais do que vinte colegas seus cheios de teoria e sem prática. Mas lembremos que o próprio "Programa de Ensino" que o professor seguia já era um planejamento...

§ 36) TIPOS DE PLANEJAMENTO

Existem 4 tipos de planos pedagógicos: 1) o plano de ensino, 2) o plano de curso, 3) o plano de trabalho ou de unidade, e 4) o plano de aula.

Os dois que dizem mais de perto com a atividade do professor primário são o plano de trabalho e o plano de aula, razão por que deles nos ocupamos separadamente.

1) PLANO DE ENSINO — É o plano geral que abarca todas as matérias de um ano: é sinônimo de *programa de ensino*. Todo programa oficial, desde que elaborado com consciência e técnica, já é um plano de ensino, pois já oferece aos professores um roteiro geral. Cremos que todas as Secretarias de Educação dos Estados já possuem esse serviço de planejamento do ensino, seja com o nome de Divisão de Planejamento, ou de Pesquisas, ou de Programas. Alguns Estados já criaram um "Instituto" especial para essa importante e difícil tarefa.

É um erro, ainda comum no Brasil, estabelecer "planos" ou "programas de ensino" demasiado extensos, minuciosos, onde seus autores querem "colocar tudo", para mostrarem sua erudição.

Outro erro grave é instituir "programas" detalhados, divididos em meses, semanas, dias e horas. Pois se, no dizer de FERRIÈRE, o que existe de mais belo no mundo, é o *poder criador do mestre*, como aceitar essa "camisa de força" para o professor, tolhendo totalmente sua iniciativa?

2) PLANO DE CURSO — É o plano que o professora formula para dar a matéria durante um ano letivo. Como de regra geral os Programas de Ensino não são detalhados, faz-se mister este *plano de curso*, que completa o Programa e apresenta os detalhes não existentes naquele.

Alguns Estados, no entanto, já vêm adotando o Programa de Ensino detalhado, que é, ao mesmo tempo, um excelente roteiro para o mestre, um verdadeiro plano de curso, de forma que o professor fica dispensado de formulá-lo. Tal acontece, por exemplo, com os

Programas de Ensino da Guanabara, Minas Gerais, Estado do Rio, Pernambuco e outros.

A título de exemplo, reproduzimos o Programa de Ensino de *Ciências Naturais* da 3.^a série das escolas primárias do Estado da Guanabara (1).

3.^a SÉRIE

Ciências Naturais e Higiene

Objetivos:

Levar o aluno a:

- observar, atentamente, as cousas, os fatos e os fenômenos, no meio em que estiver vivendo;
- adquirir noções práticas e úteis sobre: os três reinos da Natureza; algumas funções do organismo humano; alguns fenômenos atmosféricos e seus efeitos sobre a vida do homem; algumas forças da Natureza;
- reconhecer a interdependência entre os seres;
- verificar que o homem pode conseguir boas condições de vida mediante seu esforço para controlar os recursos naturais e melhor adaptar-se ao meio.

HÁBITOS E ATITUDES QUE DEVEM SER CRIADOS OU DESENVOLVIDOS

Além dos que foram especificados para as séries antecedentes, os seguintes:

- apreciar os benefícios que usufruem as crianças da época atual, graças aos esforços dos antepassados e sentir a responsabilidade de cada uma em fazer alguma coisa que perdure e re-

(1) Vide o volume "Programas do Ensino Primário" da Editora Aurora, publicado nesta "Biblioteca Didática Brasileira", 2.^a edição, Rio, 1958.

verta em benefício daquelas que viverem futuramente;

- honrar e respeitar as diferentes formas de trabalho humano, mediante a compreensão da dependência recíproca entre os indivíduos e os seres.

MÍNIMO QUE DEVE SER OBTIDO PELOS ALUNOS

Mediante as seguintes atividades e experiências ou outras análogas que possam ser realizadas pelos alunos.

Observações a que devem ser conduzidos os alunos.

- Referentes aos animais:

Realizar as mesmas atividades ou experiências sugeridas para as séries anteriores, em colaboração com os colegas dessas turmas, ou fazer outras análogas;

- Observar rãs e sapos, nos riachos ou terrenos alagadiços; procurar, na biblioteca ou em casa, informações sobre o sapo; debater, em classe o que leram, ou o que viram ou o que souberam a respeito do sapo; fazer uma lista das informações "verdadeiras" e dos livros que deram melhores informações;
- observar uma perereca; reparar na cor da perereca, conforme o lugar em que estiver escondida; ou observar a cor das lagartixas que vivem dentro das casas e a das que vivem nos paredões, nos muros, ao tempo;
- comparar o modo de viver e de andar dos diferentes animais, entre si, e dos macacos com o do homem;
- observar muitas crianças juntas; notar que, sendo elas diferentes umas das outras, têm alguma coisa comum — todas

Além das que foram lembradas para as duas séries anteriores:

- há animais como o boi, o cão o porco, a galinha, que têm ossos e carne;
- as pessoas têm ossos (esqueleto) e carne (músculo);
- há animais como a vaca e a cabra, que criam os filhotes com leite e outros, como a galinha, por exemplo, que os criam com insetos, ervas e grãos;
- há animais que têm mais ou menos a mesma forma, desde que nascem e outros que mudam muito de forma, enquanto se desenvolvem;
- há animais minúsculos que só podem ser vistos mediante as lentes de aumento, que são chamados micróbios;
- os animais sabem proteger a sua vida e a de seus filhotes, contra as intempéries e contra os outros animais que os atacam;
- há animais que vivem muitos anos e animais que têm vida curta;

- têm cabeça, tronco e membros;
 - coleccionar gravuras de animais, grupando-os do seguinte modo: animais que vivem no ar; animais que vivem sobre a terra;
 - animais que vivem na água;
 - observar se tôdas as pessoas têm fome e sede; se respiram do mesmo modo quando estão descansadas e quando correm; se tôdas precisam dormir;
 - ver gravuras que representam o esqueleto, os músculos, os aparelhos: digestivo, respiratório, circulatório.
- o homem pode viver muitos anos; os animais se entendem, por meio de vivos, guinchos; o homem por meio da linguagem articulada;
 - o corpo humano tem três partes: a cabeça, o tronco e os membros;
 - o homem tem, no organismo, uma disposição especial para se alimentar; o aparelho digestivo; outra para respirar: o aparelho respiratório e ainda outra para fazer o sangue passar por tôdas as partes do corpo: o aparelho circulatório.

Referentes aos vegetais:

- O que figura nas séries anteriores e mais:
- plantar um chuchu, já "grelado", em vaso ou lata; regar e observar o aparecimento do broto, acompanhando, depois, o desenvolvimento da planta;
 - cortar, convenientemente, um chuchu "grelado" e observar o embrião da planta; se possível, fazer o mesmo com caroços de abacate;
 - colocar uma batata rôxa em vaso com água, e deixá-la em lugar arejado;
 - promover uma exposição de plantas ornamentais, na sala de aula (samambaia, begônia, tihorão, avenca, cacto, croton, etc.);
 - trazer, para identificação, folhas de árvores frutíferas;
 - seleccionar gravuras de vegetais da região, grupando-os em úteis e nocivos ao homem; organizar álbuns de vegetais utilizados pelo homem, na alimentação,
- Além das que foram lembradas para a 1.^a e 2.^a séries:
- os vegetais, como os animais, nascem de outro ser com o qual se assemelham, crescem e morrem; uns vivem muitos anos, outros vivem pouco tempo;
 - há vegetais que vivem na água; alguns têm raízes aéreas;
 - os vegetais também possuem certos recursos para se adaptarem ao meio;
 - há vegetais muito pequenos, chamados micróbios; êsses seres minúsculos (vegetais e animais) podem ser encontrados na terra, no ar, nas poeiras, na água; alguns deles podem causar doenças graves (tétano, tuberculose, difteria, tifo, disenteria); há recursos para evitar essas doenças e para combatê-las — a prática de normas higiênicas, emprêgo da vacina, sôros e outros preparados;
 - os vegetais são indispensáveis à alimentação do homem;

- grupando-os segundo a parte utilizada como alimento, por exemplo:
- Abóbora (fruto) — couve (flor) (fôlha) — alpim (raiz) — feijão (semente) — cana (caule);
 - cortar, transversalmente, hastes de vegetais, como de mamoeiro e de laranja; comparar as estruturas.
- os vegetais não têm a mesma estrutura, em tôdas as suas partes.

Referentes à terra:

O que figura nas séries anteriores e mais:

- observar as pedras que ficam em baixo de alguma goteira, ou à borda dos riachos, desgastadas pelas águas;
- procurar explicar o rifão: "água mole em pedra dura, tanto dá até que fura";
- observar as pedras em que aparecem manchas avermelhadas de ferrugem;
- com lente de aumento, observar um punhado de terra em que haja fôlhas em decomposição;
- comparar a constituição de um animal (pedaço de carne de galinha crua), de um vegetal (corte transversal de alpim) com um pedaço de pedra pomes, por exemplo, ou com o granito; retirar da pedra pomes ou do granito um pedaço, comparar êsse pedaço com a pedra de onde foi retirado; observar que o fragmento conserva as mesmas características e propriedades que as da "pedra" grande e que pode ter duração igual a essa; o mineral continua a existir;
- tomar duas latas perfuradas no fundo; em uma colocar areia e, em outra, terra própria para horta; derramar a mesma quan-

Além das que foram lembradas para as duas séries anteriores:

- as águas desgastam as rochas;
 - em algumas "pedras" há ferro; nas rochas se encontram minerais;
 - os vegetais formam humus, que se encontra na terra;
 - os minerais têm constituição homogênea; os minerais não têm, como os seres organizados, vida limitada;
 - há solos que se deixam atravessar pela água, muito rapidamente; outros retêm a umidade mais tempo; os solos arenosos são secos; nos desertos há areia.
- No Brasil há regiões arenosas.

tidade d'água em ambas e deixá-las em lugar ventilado; observar qual delas retém umidade mais tempo.

— Referentes à água:

Além das que foram lembradas para as duas séries anteriores:

- molhar dois pires iguais; deixá-los escorrer; colocar um deles em lugar ventilado, e o outro em um canto da sala, onde o ar não seja renovado; verificar qual dos dois seca mais depressa;
- colocar água numa vasilha larga; observar a posição da vasilha e a da superfície livre da água; inclinar a vasilha e observar a posição da superfície livre do líquido; fazer a mesma experiência com outro líquido qualquer;
- arranjar um nível de bôlha de ar para verificar a posição da superfície (superior) da mesa; com um funil de vidro ou matéria plástica e um tubo de borracha, procurar o nível dos líquidos, em vasos comunicantes; verificar até que ponto se poderá colocar água numa chaleira ou num bule sem que o líquido derrame pelo bico;
- observar onde ficam colocadas as caixas d'água, em casa ou na escola, para fornecer água a todas as dependências; do mesmo modo, observar onde são construídas as caixas d'água para uma povoação;
- procurar saber de onde vem a água consumida no local onde reside, a que condições a água deve satisfazer para ser potável;

Além das que foram lembradas para 1.^a e 2.^a séries:

- o ar em movimento faz a água evaporar-se mais depressa;
- a superfície livre dos líquidos toma a posição horizontal, quando em repouso;
- o nível de bôlha de ar serve para verificar a horizontalidade das superfícies;
- os líquidos, em vasos comunicantes, mantêm o mesmo nível;
- a água apropriada para a alimentação chama-se água potável; é fresca, clara, sem cheiro; contém, em dissolução certas substâncias como ar, gás carbônico e sais minerais, em pequenas quantidades que lhe dão sabor agradável;
- pode-se depurar a água mediante a filtração e a fervura;
- a água pode ser utilizada para mover moinhos e máquinas diversas;
- o vapor d'água é, também, muito empregado como força motriz (trens a vapor, embarcações, etc.);
- o gelo é a água em estado sólido;
- o vapor é água no estado gasoso;

- vel; como se pode depurar a água para os usos domésticos;
- provar água fervida, sem ser arejada e comparar seu sabor ao da água filtrada, fresca;
- experimentar fazer uma roda d'água; utilizar a roda d'água para mover alguma manivela ou algum brinquedo;
- numa vasilha contendo água em ebulição, experimentar a força do vapor contra a tampa;
- colocar, numa vasilha um bloco de gelo e deixá-lo exposto ao ar; observar o que se passa; reparar os vapores que se elevam no ar; e a água que se deposita na vasilha.

— a água, na temperatura comum, se apresenta em estado líquido;

— os corpos, assim como a água, podem existir no estado sólido, líquido e gasoso.

— Referentes ao ar:

Além das sugeridas para as séries anteriores:

- um aluno, subindo numa cadeira, larga das mãos, ao mesmo tempo, uma moeda e uma folha de papel; reparar qual chega ao solo primeiro; a seguir, experimentar só com duas moedas iguais, do mesmo tamanho, observando o que sucede: por fim, apanha duas folhas de papel, do mesmo tamanho, amassar uma até que faça uma bolinha e então deixar cair simultaneamente, a bolinha e a folha aberta; ver qual delas chega primeiro ao solo;
- observar uma faixa de luz que penetre na sala de aula por fresta da janela ou da porta; reparar as partículas de pó, os fios pequeninos, em suspensão, no ar.

Além das lembradas para a 1.^a e 2.^a séries:

- o ar opõe resistência aos objetos;
- a folha de papel aberta encontra maior resistência do ar do que a folha toda amassada como uma bola;
- a pressão, que o ar faz, varia conforme a superfície do corpo;
- no ar existe poeira em suspensão.

— Referentes ao tempo:

Além das sugeridas para as séries anteriores:

- experimentar fazer uma "biruta"; observar a direção do vento dominante, na escola;
- observar as épocas do ano em que as chuvas são mais abundantes e aquelas em que há estiagens;
- recortar, de jornais, os boletins de previsão do tempo;
- relacionar perguntas relativas ao tempo, feitas pelos colegas, durante os debates, para procurar as respostas com as pessoas que possam informar acertadamente.

— Referentes à eletricidade:

- observar os fios condutores de eletricidade, do lado de fora do prédio; observar, se existirem no interior do prédio, os pendentes, para as lâmpadas; fazer uma relação das coisas que constituem aplicação da eletricidade; debater sobre os perigos dos fios condutores desprotegidos de isoladores, dos ramos das árvores que tocam nos fios elétricos, das linhas das "pipas" que se embaraçam nesses fios.

— Referentes às máquinas:

- um aluno experimenta transportar um volume pesado, de cima de uma cadeira para cima da mesa; depois o mesmo aluno experimentará empurrar o mesmo volume, de cima da cadeira, para cima da mesa, utilizando uma tábua, colocada da cadeira à mesa; verificar quando realizou menos esforço;
- transportar, nos braços, um vo-

Além das que foram lembradas para a 1.^a e 2.^a séries:

- há instrumentos e aparelhos que podem dar indicações sobre o tempo; a temperatura e o tempo variam;
- o homem não tem podido modificar o tempo, mas tem conseguido arranjar seus planos de vida de modo que fique em condições de enfrentar o tempo.

- a eletricidade é conduzida através dos fios;
- há corpos, como os metais, que conduzem, muito bem, a eletricidade; outros como a porcelana, borracha, não a conduzem, por isso, servem como isoladores;
- a eletricidade pode ser aproveitada, de muitas maneiras, pelo homem — na iluminação, nos transportes, no trabalho, nos meios de comunicação, etc.;
- é preciso ter-se muita cautela com a eletricidade.

- faz-se menos esforço quando se empurra um volume de um lugar para outro, sobre um plano inclinado, do que quando se carrega esse volume nos braços;
- as rodas facilitam o trabalho;

- lume pesado, de um lado para outro, na sala; depois, utilizar para transportar o mesmo volume, um carrinho de criança ou uma patinete;
- levantar do solo um volume pesado utilizando uma barra de madeira como alavanca.

— as alavancas facilitam o trabalho.

— Referentes ao magnetismo:

- trazer ímãs para experimentar a atração que eles exercem sobre pequenos objetos de ferro, de aço e de níquel;
- experimentar pegar agulhas e alfinetes com tesouras de aço; verificar a que distância, mais ou menos, a atração se exerce;
- experimentar a atração dos ímãs através de uma folha de papel, de lâminas de madeira ou de vidro;
- tentar explicar o brinquedo dos cachorrinhos que brigam; do choque de automóveis;
- tentar obter uma pedra ímã.

— há corpos que possuem a propriedade de atrair o ferro, o níquel, etc.;

— o ímã atrai objetos de ferro, de aço, de níquel;

— a força do ímã atravessa certos corpos e vai até certa distância;

— no Brasil se encontram pedras (minerais de ferro) que têm poder magnético.

— Referentes ao Sol, às demais estrelas e à Lua:

Além das lembradas para as séries anteriores:

- fazer uma relação das perguntas dos colegas, referentes aos astros; procurar as respostas devidas, observando o céu, gravuras nítidas, e consultando livros da biblioteca;
- comparar as dimensões dos corpos que se acham próximo dos observadores com as dos que se acham distante; se possível

Além das que forem lembradas para as séries anteriores:

- há muitos astros no espaço;
- a Terra, como a Lua, o Sol e as demais estrelas, estão no espaço; há distância muito grande entre os astros;
- a Lua está mais perto da Terra do que o Sol;
- a Lua aparece no céu de modo diferente, cada semana;

- olhar a lua e as estrelas maiores através de uma lente de aumento;
- procurar distinguir as estrelas que cintilam, e as que não cintilam; observar se todas as estrelas têm a mesma cor;
- observar a Lua em determinado dia da semana, durante quatro semanas seguidas; representar por meio de desenhos, a Lua, nessas observações. Observar bem a Lua, a olho nu ou com lente de aumento, quando cheia. Explicar o "Cavaleiro S. Jorge".
- parece haver montanhas na Lua.

TÓPICOS PARA DISCUSSÃO
LEITURAS COMPLEMENTARES

(Vide nos §§ 43 e 44)

CAPÍTULO VII

A Unidade de Trabalho ou Plano de Trabalho

§ 37) O PLANO DE TRABALHO OU PLANO DE UNIDADE

Recebe o nome de "plano de trabalho" ou "plano de unidade" ou ainda "unidade de trabalho" aquele elaborado pelo mestre para dar todo um assunto, ou uma série de assuntos correlatos. Sua duração é variável, oscilando entre um mês e um semestre letivo (quatro meses).

Como se sabe, os programas de ensino modernos, quando elaborados por técnicos de educação, não são mais aquelas listas frias e lógicas de "pontos" que se sucedem, assim

- 5
- Ponto 1 — Descoberta do Brasil
 - Ponto 2 — Primeiras explorações
 - Ponto 3 — Capitâneas hereditárias.

Ao contrário, são constituídos por *unidades de trabalho* ou unidades de ensino, que reúnem assuntos correlatos, encadeados entre si. Constituem um início de globalização do ensino. E o "plano de unidade" ou "plano de trabalho" é aquele que abrange uma unidade de ensino. Exemplo: *os transportes*; então, durante certo tempo (um mês, três meses, quatro meses) todas ou quase todas as atividades da classe têm como

“centro de interesse” os meios de transporte, desde a locomoção a pé e a cavalo até o avião a jato. E tanto quanto possível os assuntos de Português, de Matemática e de Ciências têm também como motivo central os transportes.

No plano de trabalho, por exemplo, sobre “Animais domésticos”, de que adiante nos ocuparemos, os alunos terão oportunidade de aprender, em torno desse assunto — “Animais domésticos” — conhecimentos de Linguagem, Geografia, Ciências, Matemática, Religião, Educação Moral, Educação Artística, etc., tudo ligado àquela idéia central.

37.1) Vantagens do trabalho planejado

As vantagens do trabalho planejado são as seguintes:

1. Fornece um roteiro natural para o mestre, que não fica improvisando aula cada dia, nem dando tratos à bola, na hora de começar a aula: “o que é que eu vou dar hoje para esse pessoal?”
2. Dá organicidade ao programa, que passa a funcionar como um todo, como um conjunto, e não como uma colcha de retalhos, ou, pior ainda, como um monte de conhecimentos separados, estanques, que nada têm a ver uns com os outros.
3. Torna a aula muito mais interessante para os alunos, pois permite dar-lhe uma continuidade, um enredo. A diferença que existe entre o ensino por pontos separados e o ensino mediante planejamento de trabalho é exatamente a diferença que existe entre um jornal cinematográfico e um filme de enredo. No jornal do cinema as cenas se sucedem sem nenhuma ligação entre si, ao contrário do filme em que há uma história

concatenada. — Que é que vocês preferem: assistir duas horas de projeção de documentários ou de um belo filme com enredo atraente?

4. Finalmente, o plano de trabalho permite que os alunos participem da aula, tomando iniciativas, fazendo cousas, trabalhando com suas próprias mãos. É, portanto, a forma de se realizar, em toda sua plenitude, a ESCOLA VIVA.

37.2) Os planos de trabalho mensais

A duração do plano de trabalho pode variar de um mês a um semestre letivo. A vantagem do plano mensal é que o próprio calendário já fornece uma primeira motivação: é só consultar a folhinha... É apenas um começo de motivação, que, naturalmente, terá de ser reforçado pelo professor em aula, despertando o interesse dos alunos.

Exemplos de assuntos para planos de trabalhos segundo os meses:

MARÇO — Volta à escola

ABRIL — Páscoa
Descoberta do Brasil
Tiradentes
Mudança da capital para Brasília
Pan-Americanismo

MAIO — Dia das Mães
Abolição dos Escravos
Dia da Indústria

JUNHO — Festas de São João e São Pedro

AGOSTO — Dia do Papai
Dia do Soldado

- SETEMBRO — Dia da Pátria
Dia da Árvore
- OUTUBRO — Dia da Criança
Dia do Mestre
- NOVEMBRO — Proclamação da República
Dia da Bandeira
- DEZEMBRO — Festa de Encerramento
Dia de Natal.

§ 33) COMO ORGANIZAR UM PLANO DE TRABALHO /OU UNIDADE DE TRABALHO

Todo “plano de trabalho”, também chamado “plano de unidade”, ou ainda, “unidade de trabalho”, se baseia num centro de interesse, que, como acabamos de ver, pode ser escolhido mês a mês, de acôrdo com o calendário. “Pode” não significa “deve”: o mestre tem ampla liberdade de escolher, de acôrdo com o interesse dos meninos, qualquer outro centro de interesse para seu plano.

38.1) Plano de Trabalho e centro de interesse

O “plano de trabalho” se asemelha ao método dos “Centros de Interesse” de DECROLY, com a única diferença que esse método pode ser usado em forma dinâmica, ativa, ou, pelo contrário, de forma estática, passiva, tradicional, enquanto que o *Plano de trabalho* é obrigatoriamente ativo, dinamizado, vivo.

Da mesma forma que no método de “Centros de Interesse”, também no Plano de trabalho não existe mais a divisão do dia escolar em matérias estanques: hora de Português, hora de Matemática, hora de Ciências...

38.2) Divisão em matérias

Para os professôres que se iniciam no magistério, porém, não haverá inconvenientes em que se estabeleça um *período de transição*, do sistema tradicional, rígido, dividido em matérias, para o novo sistema de ensino globalizado (de que falaremos no capítulo seguinte).

Nessa hipótese, o professor poderá, durante certo tempo, aplicar o sistema do “Plano de trabalho” mantendo a divisão em “aulas de matérias” — Linguagem, Matemática, etc., desde que sempre aplicadas ao assunto do plano em execução. Repetimos: essa atitude será admitida como “fase de transição”.

38.3) Esquema do Plano de trabalho

A grande vantagem do “plano de trabalho” é a sua flexibilidade: nada é rígido, nada é imutável, tudo pode ir sendo modificado na medida do interesse dos alunos, ou por força das circunstâncias. Por isso mesmo, sobre um assunto qualquer é possível se organizarem vários planos de trabalho, completamente diferentes entre si, cada qual apresentando as características do professor que o imaginou e dos alunos que o foram modificando.

De regra geral (mas não obrigatoriamente), o plano de trabalho se compõe dos seguintes elementos:

PLANO DE TRABALHO

- I. ASSUNTO (TEMA CENTRAL)
- II. OBJETIVOS GERAIS
- III. OBJETIVOS ESPECÍFICOS
- IV. ATIVIDADES A DESENVOLVER
- V. MATERIAL A USAR
- VI. FIXAÇÃO E VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM
- VII. CONCLUSÃO

Como se disse, grande é a variação do método de planos de trabalho, sendo possível apresentá-los sob outro esquema completamente diferente:

- I. Tema
- II. Motivação
- III. Problemas a serem resolvidos pelos alunos
- IV. Informações a serem procuradas pelos alunos
- V. Atividades a desenvolver
- VI. Assuntos a serem dados (de acôrdo com o programa de cada matéria)
- VII. Hábitos e habilidades a fixar nos alunos
- VIII. Conclusão.

Também é possível adotar-se o seguinte esquema de plano de trabalho, muito mais modesto e simplificado:

- I. Tema
- II. Motivação
- III. Desenvolvimento
- IV. Conclusão.

§ 39) DESENVOLVIMENTO DE UM PLANO DE TRABALHO SOBRE "ANIMAIS DOMÉSTICOS"

Passemos a explicar em que consiste cada um desses itens dos planos de trabalho, de acôrdo com o quadro da página anterior.

39.1) Tema

Tema é o próprio assunto do plano. Exemplos:

- "Animais domésticos"
- "Nossos brinquedos"
- "O mercado"
- "A fazenda de Santa Engracia"

- "Semana da Pascoa"
- "Primeiros habitantes do Brasil"
- "Meios de transporte"
- "Vida no campo"
- "Animais nocivos"
- "Grandes vultos da nossa terra".

E todos os assuntos apresentados no § 37.2.

Centenas ou milhares de temas podem ser levantados, dependendo, naturalmente, do adiantamento da classe, pois um tema muito interessante para a 1.^a série, talvez já não o seja mais para a 3.^a ou 4.^a série.

39.2) Objetivos gerais

Objetivos gerais são aquilo de mais genérico que pretendemos obter para os alunos, no fim do plano. Evidentemente êsses objetivos são os consignados nos Programas oficiais de ensino

Imaginemos um plano de trabalho para a 3.^a série primária (cada plano tem que se destinar a uma determinada série). Tomemos, por exemplo, o *Programa de Ensino do Estado de Minas Gerais*. Aí se estabelecem como objetivos gerais para a 3.^a série:

Linguagem, "formar hábitos específicos de leitura de material de várias naturezas para diferentes finalidades".

Matemática, "intensificar o uso das operações".

Ciências Naturais, "colocar o aluno em contato com a natureza, para compreender que sua vida se desenvolve paralelamente a mil vidas, que surgem a seu lado, sob seus pés, acima de sua cabeça, dentro e fora d'água".

Seriam êsses, então, os objetivos gerais de um plano de trabalho que organizássemos, para classe de

3.^a série primária mineira. Outros planos, com outros objetivos poderiam ser organizados para a mesma série.

Suponhamos agora que somos professor do Estado da Guanabara. Nos "Programas do Ensino Primário" deste Estado, se lêem como objetivos gerais da 3.^a série:

Linguagem — "Aumentar a capacidade de expressão oral e escrita, enriquecendo o vocabulário".

Matemática — "Resolução escrita de problemas até 3 operações".

Ciência — "Levar o aluno a observar atentamente as cousas, os fatos e os fenômenos, no meio em que estiver vivendo".

Serão êsses, então, os objetivos gerais de nosso plano de trabalho para uma 3.^a série carioca, sem prejuízo de outros planos que nesse mesmo ano pudéssemos organizar para a mesma série.

39.3) Objetivos específicos

Objetivos específicos são os conhecimentos e atitudes detalhados, que esperamos obter dos alunos, ao fim do plano. No caso em aprêço, poderiam ser, por exemplo:

Linguagem:

- a) Ler oralmente, com boa dicção, demonstrando compreensão pelo que leu;
- b) Redigir convites, solicitações e saudações;
- c) Empregar os coletivos mais usados.

Matemática:

- a) Noção de dezena de milhar;
- b) Cálculos com quantias até Cr\$ 1.000,00;

- c) Problemas com metros e quilômetros.

Ciências Naturais:

- a) Observar cuidadosamente animais que vivem sobre a terra, no ar e dentro d'água;
- b) Conhecimentos elementares sobre o ar, a água, a terra e o vento;
- c) Conhecimentos sobre o pêso dos corpos e a balança.

39.4) A motivação do plano

Para que a classe se interesse pelo plano é preciso que ela *queira* o assunto, vibre, se entusiasme. Cabe ao professor, habilidosamente, introduzi-lo de tal maneira que os alunos pensem que são êles que estão inventando aquêle plano.

Neste ponto, o plano de trabalho se diferencia fundamentalmente do método de projetos, que mais para frente estudaremos. No "projeto" há sempre alguma cousa a realizar, desejada pelos alunos, alguma atividade que os meninos *querem* levar a cabo, sob a orientação do mestre. É ação direta, real, efetuada pela classe para *resolver um problema*. No plano, ao contrário, a atividade dos alunos é suscitada pelo professor para um objetivo preexistente, já levantado por êle, professor.

Então, já possuindo o tema, os objetivos gerais e os objetivos específicos, o mestre tem que estabelecer uma *motivação* para conseguir que os garotos *adotem* o seu plano.

No caso presente, sendo "*animais domésticos*" o tema, a *motivação* poderia ser, por exemplo, um livro de figuras com animais domésticos, trazido por uma criança (ou, em último caso, pela professôra). Ou um

animal vivo, (cachorro, gato, coelho, porquinho da índia) trazido por um aluno (em último caso, por solitação que lhe foi feita em particular pela mestra).

Caberá a esta fazer uma série de perguntas sobre o animalzinho trazido e sobre outros, de maneira a espicaçar a curiosidade dos garotos e o seu desejo de conhecer outros bichos.

39.5) Atividades a desenvolver sobre "animais domésticos"

Neste item o mestre colocará detalhadamente aquelas atividades que pode proporcionar aos alunos, no sentido de atingirem os objetivos específicos citados no item 39.3). Eis algumas atividades a desenvolver:

1. Fazer os alunos observarem *ao vivo* todos os animais que puderem: cachorro, gato, boi, vaca, bezerro, cabra, passarinho, carneiro, cavalo, burro, macaco, cobra, peixe, gafanhoto, mosca, coelho, abelha, porco, besouro, etc., etc.

2. Fazer os meninos descreverem oralmente êsses animais, comparando-os entre si e verificando semelhanças e diferenças.

3. Fazer os alunos desenharem os animais vistos.

4. Verificar como vivem êsses animais, para que servem, de que se alimentam. Quais são os úteis? Quais são os nocivos? Quais são os domésticos? Quais são os selvagens? Conhecem outros animais selvagens? Quais?

5. Conversa sobre os animais amigos do homem, ou que vivem em nossas casas, nos quintais, nos sítios, nas fazendas.

6. Pesquisa das crianças na Biblioteca da escola, para descobrirem tudo que puderem sobre os bichos (em livros de leitura, de histórias infantis, "Tesouro da Juventude", "O Mundo da Criança", etc.

7. Pesquisa fora da escola, com o fim de descobrir estampas, figuras de revistas, etc., sobre animais.

São especialmente indicadas as revistas infantis ("Tico-Tico" — "Sezinho" — "Bem-te-vi", etc.). Também é possível que algumas dessas revistas sejam assinadas pela escola.

8. Os meninos deverão ler histórias de animais, para depois reproduzirem em aula (tipo "O patinho feio", "O gato de botas", "Memórias de um burro", "Rin-tin-tin", etc.).

9. Confecção de desenhos para ilustrar essas histórias.

10. Confecção de textos escritos, para acompanhar êsses desenhos.

11. Confecção de trabalhos manuais, sobre os animais estudados (modelagem; arame e papel; bichos de pano).

12. Dramatizar com os alunos em classe as histórias pesquisadas nos itens 6), 7) e 8).

13. Teatrinho de fantoches — Peças sobre os assuntos tratados nos referidos itens.

14. Problemas sobre animais: distâncias; corridas; velocidades; compra e venda.

15. Correspondência com alunos de outras turmas da escola, ou de outras escolas, pedindo troca de figurinhas e estampas sobre animais. Cartas a colegas, contando o andamento do plano.

16. Educação moral — Amor, carinho e cuidados que devemos ter com os animais nossos amigos. Histórias de amor e fidelidade de cachorros.

17. Educação física — Ginástica musicada, tendo como tema animais.

18. Educação artística — Os desenhos e trabalhos manuais sobre animais, referidos nos itens 9 e 11. As dramatizações e teatrinhos citados nos itens 12 e 13. Folclore: as interessantes e pitorescas lendas brasileiras sobre animais. Coletar e cantar músicas em que entrem animais.

19. Educação religiosa — Quem fez os animais? E o homem? Por que devemos respeitar a Deus. Nas-

cimento de Jesus num estábulo, entre um boi e um burro. Fuga para o Egito num burro. Os animais no Evangelho. História de São Francisco de Assis e seu amor pelos bichos "meus irmãos". Outros animais na vida dos santos.

39.6) Material a usar

Neste item o mestre irá anotando o material de que se lembrar, com o fim de providenciar sua obtenção em tempo útil. Exemplo: os livros com histórias de animais; quantidades de revistas antigas; as músicas alusivas ao assunto; os Evangelhos; histórias de santos (nos termos do n.º 19 do item anterior); ferramentas e matérias primas destinadas à confecção dos trabalhos manuais, dos fantoches, das fantasias para as dramatizações sobre animais; material para desenho, pintura e modelagem.

Naturalmente os alunos vão procurar obter essas cousas, mas o mestre não pode esperar apenas pelos garotos, pois em meios humildes ou distantes da cidade às vezes faltam as cousas mais elementares, o que destruiria o plano.

39.7) Fixação e verificação da aprendizagem

O professor não pode perder de vista que a finalidade última do seu "plano de trabalho" é dar *conhecimentos e atitudes* a seus alunos. O "plano" é apenas um método didático para tornar a aprendizagem mais interessante, prática e agradável. Por isso constantemente o mestre deve levar a efeito exercícios de *fixação da aprendizagem*, os quais deverão estar bastante ligados ao tema central.

Entre tais exercícios podemos lembrar: ditados — cartas — composições (os textos citados em o n.º 10 do item 39.5 são "composições") — problemas matemáticos — conversação oral — jogos pedagógicos, etc.

Os mesmos recursos serão usados também para a *verificação da aprendizagem*, a ser feita periodicamente. Uma verificação rápida e simples pode ser feita até diariamente. Para isso são aconselháveis os testes, de vários tipos, que economizam bastante o tempo.

39.8) A conclusão

No método de projetos, cujo finalidade é "construir alguma cousa", a conclusão é essa própria construção. No método de plano de trabalho, cujo fim não é "realizar cousas", a conclusão deve ter algum sentido real, concreto, pelo menos para dar uma satisfação aos alunos.

De regra geral, a conclusão é um álbum, onde ficam registradas as várias fases do plano, através de gravuras e textos bem escolhidos, tudo feito pelos alunos. Também pode ser uma série de cartazes grandes, em papelão, para pendurar na parede da sala de aula, reproduzindo os fatos mais interessantes do plano.

A conclusão pode ainda ser uma festa, com dramatizações, teatro e danças sobre o assunto do plano.

39.9) Duração do plano

Conforme dissemos de início, a grande vantagem do plano de trabalho é a sua flexibilidade: tudo nele pode ser adaptado às circunstâncias e aos interesses das crianças. Sua duração, pois, também está sujeita a essas mutações. Um plano de trabalho pode ser previsto para um mês, um trimestre ou um semestre. Note-se que o semestre escolar não é de 6, mas apenas de 4 meses: 1.º semestre — março, abril, maio, junho. 2.º semestre — agosto, setembro, outubro, novembro.

39.10) Contrôlo do plano

Outra grande vantagem do plano de trabalho é sua situação de meio termo entre a Escola Velha e a

Escola Nova: nem o professor fica prêso, manietado pelos "pontos" do Programa de Ensino, nem abandona completamente êsse Programa. Para conseguir êsse equilíbrio, o mestre deve ir desenvolvendo seu plano de trabalho, mas sem esquecer de dar uma olhada no Programa, a fim de verificar se os assuntos exigidos por êste último estão tendo o devido tratamento naquele.

É sempre possível ao professor inteligente aproveitar os "*animais domésticos*" para ensinar o emprêgo do *m* antes do *b* e do *p*, ou para entrar nas frações ordinárias, ou para falar na água, no fogo, no ar e no vento.

Ainda assim, é claro, ficarão fora do plano certos assuntos de Geografia, História, Civismo, etc., exigidos pelo Programa. Quanto a êstes, o único remédio é mesmo tratá-los em aulas à parte. Dessa forma o mestre, sem desobedecer ao Programa, o que seria uma indisciplina, pode abordar outros assuntos sem atrapalhar o desenvolvimento do plano, nem forçar a mão artificialmente.

Não queiramos meter tudo dentro de um plano, arranjando aproximações e associações impossíveis, como aquela do homem da anedota, que foi descobrir semelhanças entre um elefante e uma máquina de escrever...

§ 40) EXEMPLOS DE UNIDADE DE TRABALHO

Diante do interesse do professorado em adotar o *ensino planejado*, resolvemos publicar um volume inteiro dedicado ao assunto (1). Aqui vão apenas dois exemplos.

(1) Vide "O Planejamento no Ensino Primário", volume VIII desta coleção "A ESCOLA VIVA"; Editora Aurora; Rio, 1960.

PLANO DE TRABALHO

Para Jardim de Infância

(Realizado pelas professoras Renée Barichello e Belkis Simch Silva, no Jardim de Infância do Instituto de Educação de Pôrto Alegre — "Revista do Ensino", Pôrto Alegre, março de 1955, págs. 28 a 30).

1) Motivação:

Quando chegaram à nossa Capital, quase simultaneamente, dois grandes circos, o interesse da criançada voltou-se para êles.

Mundialmente famosas, as Empresas realizavam passeatas pelas ruas, anunciando os espetáculos. E, nas nossas salinhas do "Jardim", escutávamos a conversa entre os pequeninos, narrando, a seu modo, os desfiles, o aspecto dos animais, as palavras do palhaço e, alguns, até, querendo mostrar, com ritmo de palmas, como era a música.

Surgia, pois, a ocasião ótima para que, partindo dêsse assunto "O CIRCO" — desenvolvêssemos um plano de trabalho.

2) Objetivos:

2.1) Assim, nossos objetivos gerais foram:

- 1) conhecer o valor do trabalho, feito em cooperação;
- 2) responsabilidade que cada um tem pela atividade que lhe foi confiada;
- 3) conhecer algo sôbre animais domésticos;

2.2) Como objetivos específicos, declaráre-mos entre muitos:

Dora Aquino Correa

Com relação às pessoas que vivem no circo:

- 1) convívio social, realçando o valor da cooperação social, gentileza e responsabilidade;
- 2) a ordem, a obediência e a cortesia entre os membros de uma coletividade, como fatores de bem estar e sucesso.

Com relação aos animais:

- 1) Estimular o natural interesse da criança pela vida dos animais, procurando esclarecê-la sobre os hábitos e costumes entre os selvagens, os domesticáveis e os domésticos. O instinto natural de que são dotados para procurar o que lhes convém, como alimento, abrigo, etc.;
- 2) despertar na criança um espírito de compreensão para com as atitudes dos seres inferiores, mostrando, por exemplo, que ferocidade não é o mesmo que crueldade; fôrça não é o mesmo que brutalidade, etc.;
- 3) esclarecer as crianças quanto à constituição física dos animais, em vista do ambiente em que vivem: o pêlo espesso do urso, como defesa contra o frio, a constituição do casco do camelo como proteção contra a ardência do solo, os fenômenos do mimetismo, etc.

2.3) *Objetivos da criança*

- 1) Conhecer a composição e a vida de um circo.
- 2) Apresentar um espetáculo para diversão dos outros.
- 3) Decorar a sala de classe com um friso, "Desfile do circo".
- 4) Armar, sobre um tabuleiro, a miniatura do circo com espectadores e figurantes.
- 5) Organizar um álbum contendo o resumo dos trabalhos.

6) Adquirir atitudes sociais e hábitos de trabalho que facilitem essas realizações.

3) *Desenvolvimento*

1) Por palestras: com respeito a cada um dos animais, a alimentação, processo de captura, de conservação e de adestramento; a vida quotidiana do circo, ensaio dos artistas, a função, os diferentes trabalhos e denominação peculiar a cada figurante.

2) Por narrativas e contos, excertos de revistas infantis e de livros:

- *Nossa Senhora e o Palhaço.*
- *Eu sou o tigre.*
- *Aí vem o circo.*
- *Arca de Noé.*
- *Já veio o circo.*
- *A girafa.*
- *As focas.*
- *O circo de Barrilote.*
- *The golden circus.*
- *O elefante Basílio, etc.*

3) *Por discussões:* local e data do espetáculo, encarregados dos diferentes trabalhos, confecção de máscaras, modelos de fantasias.

4) *Pela observação:* forma e posição do circo, cartazes, atitudes dos animais, suas vozes e números que costumam apresentar.

4) *Excursões*

4.1) *Ao local do circo, para observar:*

- 1) forma e cobertura do barracão;
- 2) bilheteria;
- 3) localização do picadeiro;

- 4) camarotes, cadeiras, bancadas, mastros, amarras, etc.;
- 5) pessoal do circo;
- 6) animais e suas jaulas;
- 7) cuidados especiais para com as feras, alimentação, higiene, etc.;

4.2) *Assistir a uma função de circo e observar:*

- 1) música de circo;
- 2) apresentação dos trabalhos;
- 3) trabalho dos artistas
- 4) trabalho dos animais;
- 5) atitude correta dos espectadores;
- 6) os aplausos;
- 7) final da função.

5) *Atividades desenvolvidas*

5.1) DESENHO:

Desenho livre de diferentes temas relacionados com o circo.

- 1) Ilustrar as narrativas.
- 2) O circo.
- 3) Meios de transportá-lo.
- 4) O picadeiro.
- 5) Animais em atividade e em repouso.
- 6) Artistas em ação:
 - equilibristas;
 - trapezistas;
 - malabaristas;
 - mágicos;
 - equitadores;
- 7) Palhaços e palhaçadas.
- 8) O dono do circo.
- 9) Os músicos.
- 10) Meios de transporte que as pessoas utilizam para ir ao circo: automóvel, ônibus, bonde, etc.

5.2) RECORTE:

- 1) recorte livre de figurantes ou utensílios;
- 2) recortar figuras em papel lustroso para confecção do friso;
- 3) recortar na cartolina — palhaços domadores, animais, etc., para a miniatura do picadeiro;
- 4) os convites para o espetáculo.

5.3) COLAGEM:

colagem dos recortes feitos.

5.4) PINTURAS:

pintura, a guache, de temas de circo.

5.5) LINGUAGEM:

- relato dos espetáculos assistidos e de experiências com os animais;
- invenção de historietas;
- reprodução de contos escutados;
- dramatizações de historietas e dos vários trabalhos de circo;
- reprodução de diálogos;
- composição e memorização de rimas e quadrinhas;
- imitação das vozes dos animais;
- redação do convite;
- realizar a função do circo;

5.6) PESQUISAS E EXPERIÊNCIAS:

de livros e gravuras que contenham material relacionado com o assunto.

5.7) MÚSICA:

- 1) vamos todos para o circo;
- 2) os animais;

- 3) reconhecimentos de música próprias de circo;
- 4) bandinha rítmica;

5.8) EXERCÍCIOS RÍTMICOS:

movimentos imitativos com acompanhamento musical:

- 1) os elefantes;
- 2) os ursos;
- 3) cavalinhos: trote e galope;
- 4) bailarina no cavalo;
- 5) bailarina no arame;
- 6) gigante e anão, etc., etc.

5.9) DANÇA:

- 1) o leão saiu da toca;
- 2) Cada macaco no seu galho;
- 3) o palhaço escorregou;
- 4) lá vem o urso, etc., etc.

5.10) JOGOS:

o domador e seus ursos.

5.11) MATEMÁTICA:

noções de forma, peso, altura, espessura, distância, número.

5.12) CIÊNCIAS SOCIAIS:

*local da cidade onde se situam os circos;
local da escola;
local de onde vêm os animais;*

5.13) CIÊNCIAS NATURAIS:

- *animais selvagens e domesticados;*
- *meio ambiente;*

- *modo de vida;*
- *alimentação e defesa;*
- *características principais dos animais em exibição no circo;*
elefante;
camelo;
leão;
tigre;
foca;
girafa;
urso;
macaco;
cavalo, pônei.

5.14) RELIGIÃO:

criação do mundo;
os animais;
os homens;
o Dilúvio;
Arca de Noé.

6) Conclusão

Assim, como o plano acima descrito, a sala de classe foi decorada com o friso "Desfile do circo", recortado pelas crianças e que muito alegrou aos pequeninos. A um ângulo da sala estava o tabuleiro onde se levantava um pequeno circo, de cobertura listrada, cercado de árvores onde pulavam travessos macaquinhos; as crianças movimentavam livremente espectadores e figurantes. Chegando o dia do espetáculo, os pequenos artistas desempenharam, a capricho, seus papéis, experimentando a satisfação de dar aos outros o colorido e a alegria de suas almas infantis.

(Fim)

PLANO DE TRABALHO

(Para a 2ª série)

Assunto: «HABITANTES PRIMITIVOS»

(Realizado pelas Professôras Suely A. Santos e Terezinha Seroni, do Instituto Piratini, de Pôrto Alegre).

1. ASSUNTO — Sugestão de uma gravura.
2. PROCESSO DIDÁTICO — Centros de interêsse:
 - a) Historietas que têm por figuras centrais dois indiozinhos travessos, Peri e Poti;
 - b) Construção de cocar, arco e flecha pelos alunos;
 - c) Visita ao Museu "Júlio de Castilhos".
3. OBJETIVOS
 - a) Para o Professor:

Levar o aluno a conhecer uma parte da História do Brasil — Interessá-lo nos habitantes primitivos, dando-lhe idéia de seus usos e costumes — Amor Pátrio — Desenvolver o espírito de investigações e as habilidades manuais — Oportunidade de correção de vícios na escrita e linguagem — Treino do cálculo.
 - b) Para o aluno:

Conhecer as historietas que são contadas parceladamente — Fazer trabalhos manuais de seu imediato interêsse — Passeio ao Museu "Júlio de Castilhos".

4. SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM:

4.1) LINGUAGEM:

- Desenvolvimento de leitura e escrita;
- Composição de frases em seqüência;
- Formação de feminino e plural;
- Sinônimos e Antônimos;
- Nomes.

4.2) MATEMÁTICA:

- Numeração até 2.000;
- Recapitulação de unidades, dezenas, centenas e milhar;
- Multiplicação — fixação da taboada de 4 e 5;
- Números romanos até XII;
- Horas.

4.3) ESTUDOS SOCIAIS E NATURAIS:

- Descobrimento do Brasil;
- Selvagens, usos e costumes;
- Ilhas, lagos, montanhas, rios;
- Corpo humano — divisão.

4.4) ARTES APLICADAS:

- Confecção de arcos, flechas e cocares.

4.5) DESENHO:

- Cenas de historietas contadas em aula;
- Desenho de objetos usados pelos selvagens;
- Desenho livre.

4.6) EDUCAÇÃO FÍSICA:

— Jôgo: "Tupis e Tapuias vão correr. Quem ganhará?"

4.7) RELIGIÃO:

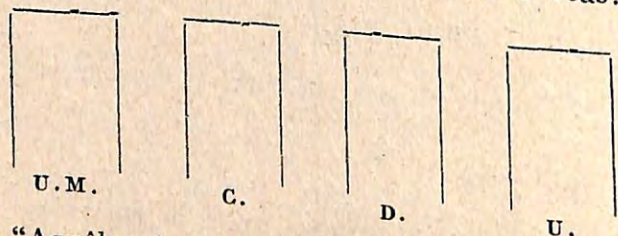
- A existência de um Deus único em Três Pessoas;
- A religião dos selvagens.

5. FIXAÇÃO:

(Observação: As histórias foram aproveitadas em trabalhos de leitura silenciosa e oral, cópia, ditado, interpretação, etc.).

"Havia dois indiozinhos que viviam perto do mato. Eram indiozinhos valentes, gostavam de caçar e pescar. Eles faziam muitas aventuras. Quer você conhecer estas aventuras?"

Palestra com as crianças sobre o Brasil primitivo:
 — O Descobrimento — Os portugueses — Caravelas — Monte Pascoal — Indígenas — Desenho de caravelas.
 O Brasil foi descoberto no ano de 1500. Vamos decompor êsse número em milhares, centenas, dezenas e unidades. Para isso desenhamos 4 ocas.



"Aquêles indiozinhos de que lhes falei ontem, chamavam-se Peri e Poti. Um dia Peri trabalhava

construindo uma lança. Veio Poti, correndo, e convidou-o para irem ao mato buscar araçás."

Palestra sôbre as armas que os índios usavam, sua alimentação, enfeites, idioma.

Exercícios de reconhecimento:

Os índios comiam: () frutas
 () bolos
 () peixes
 () pastéis.

Os selvagens usavam: () termômetros
 () flechas
 () canetas
 () cocares.

"Peri aceitou o convite e lá vão êles em busca das deliciosas frutinhas. No caminho encontram Jaú, o esperto macaquinho, que quer ir também. Caminharam bastante tempo. Estavam bem cansados quando chegaram a uma clareira onde havia um araçazeiro bem carregado de frutinha."

Recordação de animais úteis, selvagens, nociyos e domésticos.

Exercícios:

Desenhe um animal nocivo e um útil.

Peri comeu 8 araçás, Poti 12 e Jaú 17. Os três juntos comeram araçás.

Jaú subiu num galho e jogou 15 araçás na cabeçinha de Poti. O macaquinho é tão engraçado! 8 araçás não acertaram. Você sabe quantos araçás caíram na cabeça do menino índio?

“Peri e Poti encontraram os araçás. Estavam bem amarelas as frutas, bem madurinhas! Começaram a comer distraídos e nem notaram que Jaú pulava de galho em galho, grunhindo, aflito. De repente ouviram um rugido forte, atrás deles. Oh, susto! enorme onça preparava-se para atacá-los. Que fazer?”

Palestra sôbre vözes dos animais. Exercícios.

“Poti dependurou-se num galho de árvore, enquanto Peri, rápido, subia pelo tronco. A onça rugia feroz, certamente pensando na maneira de alcançar nossos amiguinhos. Poti armou seu arco e desfechou uma flecha que tinha na ponta um afiado dente de javali. Será que acertou?”

Palestra sôbre os meios de defesa dos animais, dos homens. Armas indígenas. Desenhos relativos ao assunto.

Vamos fazer uma frase sôbre o desenho que você fez?

Procure palavrinhas que digam o mesmo que:

galho —
feroz —
maneira —
afiado —

“Acertou sim! Poti acertou a flecha na onça que, louca de dor e furiosa, correu para sua toca, no mato. Os indiozinhos aproveitaram a fuga da onça e voltaram

à taba, onde estariam melhor protegidos dos animais selvagens.”

| | |
|----------|----------|
| 20 | 55 |
| 30 | 75 |
| 40 | 95 |

Dentro de cada oca dos indiozinhos estão escritos três números. Torne 4 vözes maiores os números da primeira oca, e 5 vözes maiores os da 2.^a oca.

Complete a série, bem certinho, como Peri e Poti fazem na escola:

1000 — 1050 — 1100 — — — —
..... — — — — 1500

“Peri e Poti andavam muito satisfeitos porque iam à escola dos jesuítas. Jesuítas eram padres que vieram para o Brasil na época do Descobrimento.

Os jesuítas catequizavam os índios, ensinando-lhes a religião, a ler e a escrever.”

Os indiozinhos aprendiam muitas contas. Diminuam muito bem, e você? Mostre que sabe, também!

| | | |
|--------|--------|--------|
| 7008 | 2906 | 4268 |
| — 1643 | — 1018 | — 1004 |
| — | — | — |

Agora faça estas continhas:

$$10 = 2 \times \dots$$

$$28 = 7 \times \dots$$

$$15 = 5 \times \dots$$

$$30 = 6 \times \dots$$

Ponha o que está faltando:

$$\begin{array}{r} 341 \\ + \dots \\ \hline 673 \end{array} \qquad \begin{array}{r} \dots \\ - 240 \\ \hline 725 \end{array}$$

“Que surpresa”.

“Peri e Poti estavam muito interessados naquela gente branca que estava aqui no Brasil. Um dia, quando os dois índios passeavam, Poti parou e pegou uma coisa estranha do chão, dizendo: “Veja, Peri, que bonito isso!” Peri olhou meio assustado e disse que nunca tinha visto uma coisa assim.”

Querem saber o que era aquela coisa estranha encontrada pelos indiozinhos? Era um relógio perdido pelos portugueses.

Desenho de relógios, exercícios de horas.

“Uma grande aventura.”

“Os dois indiozinhos travessos estavam brincando na beira de um rio. Um deles teve logo uma idéia e contou ao outro:

— “Eu queria, atravessar êsse rio numa piroga. Queres ir comigo?”

“O outro aceitou e os indiozinhos saíram alegres.”

Palestra: Rio — Meios de locomoção na água. Animais aquáticos, necessidade da água.

Peri e Poti estão aprendendo a fazer contas. Vamos ajudá-los?

$$5 \times 2 + 7 =$$

$$10 \times 3 - 6 =$$

$$7 \times 4 - 8 =$$

$$5 \times 9 - 5 =$$

$$1 \times 4 + 4 =$$

“De repente começou a escurecer e um vento forte sacudiu a embarcação dos indiozinhos. Eles estavam assustados, pois compreenderam que o tempo estava ficando feio.”

Palestra: Vento — Chuva — Tempestade.

— Escreva uma frase dizendo o que você acha que aconteceu aos nossos amigos índios.

— Procure, abaixo, palavrinhas que digam o contrário destas e escreva ao lado:

úmido —

feio —

assustado —

sêco —

medroso —

bonito —

horrível —

valente —

molhado —

fácil —

“O vento ficou tão forte que sacudiu a piroga e Poti caiu n'água.

— “Cuidado! gritou Peri. Vou nadar contigo.”

E foram nadando até Peri avistar umas árvores.

— “Olhe lá, Poti, estou vendo árvores. Vamos lá?”

— “Que surpresa tiveram os indiozinhos! Viram uma porção de terra no meio do rio. Peri disse a Poti:

— “Veja, parece que é uma ilha. Aquêlê português que nos ensinou tantas coisas, me disse que uma porção de terra rodeada de água se chama “ilha”. Como o tempo melhorasse, Peri e Poti passaram a tarde brincando naquela ilha tão linda.”

Desenho. A volta de Peri e Poti lá da ilha.

Os indiozinhos erraram estas contas. Veja se você acerta:

$$15 + 25 + 75 =$$

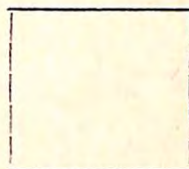
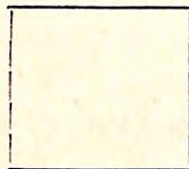
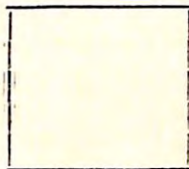
$$904 + 4 + 64 =$$

$$1000 - 1486 =$$

$$3080 - 2081 =$$

“Na ilha Peri e Poti encontraram muitas frutas, muitas árvores. Resolveram, então, recordar a lição dos vegetais que haviam aprendido na Escola dos jesuítas.

- Eles sabem que a raiz serve para...
- As folhas são chamadas de “pulmão da planta” porque...
- Germinação é a...



- Escreva em cada quadro um nome. O primeiro deve indicar pessoa; o segundo, animal e o terceiro, coisa.

- O relógio da Capela era diferente do relógio que os indiozinhos encontraram. Aquêlê tinha algarismos romanos. Desenhe um relógio com êsses algarismos e marque 6 horas.

(Fim)

TÓPICOS PARA DISCUSSÃO
LEITURAS COMPLEMENTARES

(Vide nos §§ 43 e 44)

CAPÍTULO VIII

O Plano de Aula

§ 41) O PLANO DE AULA

Tem-se formado uma verdadeira batalha em torno do assunto "plano de aula". De um lado, alguns velhos professôres que nunca formularam um plano de aula e afirmam que dão ótimas aulas sem plano algum (muitos dêles dão, mesmo). De outro lado, certos professôres de Escolas Normais que fazem do "plano de aula" a coisa mais grave da educação, caso de vida ou de morte, exigindo que suas alunas, futuras mestras, elaborem planos de aula complicadíssimos...

Como acontece em quase tôdas as cousas dêste mundo, as soluções extremas são exageradas. "*In medium virtus*": a virtude está sempre (ou quase sempre) no meio têrmo. Não podemos aceitar que um professor ministre boas aulas sem fazer um planejamento, salvo se fôr um grande mestre, de muita experiênciã e boa memória, além de excepcional presença de espírito. Mas também não julgamos que o plano de aula seja a coisa mais importante da educação.

41.1) Necessidade do plano

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, como diziam os nossos avós. O plano de aula é imprescindível para a boa marcha do ensino, mas não é o elemento mais necessário do ensino. Este elemento mais necessário é o mestre, é a personalidade do mestre. Um grande

mestre pode até dispensar completamente o plano de aula, porque êle o formula mentalmente, na hora.

É como diz o grande FERRIÈRE: "o que há de mais empolgante na Escola Nova é a capacidade criadora do mestre".

E um indivíduo inteiramente sem vocação para o magistério não conseguirá dar uma aula sequer sofrível, mesmo de posse do melhor plano de aula do mundo.

Mas como na prática não encontramos a tóda hora professores excepcionais, então o jeito é solicitar mesmo o plano de aula.

Conclusão: *o professor precisa planejar seu trabalho, embora não deva ficar escravo dos planos.*

Por outro lado, o plano de aula para ser exequível, deve ser simples e prático, em tēmos que qualquer professora possa elaborá-lo e executá-lo.

Alguns professores timbram em ensinar uns planos de aula tão complicados, tão cheios de elementos e de itens, que o resultado é negativo: as professorandas passam a ter horror à idéia de planejamento.

Eis um exemplo de plano super-carregado:

PLANO DE AULA

1. Finalidade
2. Objetivos
3. Justificação (fundamentos psicológicos e pedagógicos dos métodos adotados)
4. Motivação
5. Desenvolvimento
6. Material a empregar
7. Fixação da aprendizagem
8. Verificação da aprendizagem
9. Jogos a executar
10. Ligação com o Programa de Ensino
11. Conclusão

Deixando de lado, por ser pouco prático, êste tipo de plano, sugerimos outro, muito mais simples, constando apenas de 3 ou 4 itens, a saber:

PLANO DE AULA

1. Finalidade
2. Motivação
3. Desenvolvimento
4. Conclusão

No Instituto de Educação do Estado da Guanabara, as professoras de "Prática de Ensino" costumam indicar o seguinte roteiro.

PLANO DE AULA:

1. Unidade de trabalho a que se prende a aula
2. Matéria (Geografia, Linguagem, etc.)
3. Assunto
4. Objetivos
5. Motivação
6. Andamento provável
7. Exercícios
8. Material a usar
9. Observações sobre a execução do plano

Salientamos que na vida cotidiana do professor primário o Plano de Trabalho é muito mais importante que o Plano de Aula. Êste é o plano de *uma aula*, isto é, de 40 minutos, ou talvez de 3 horas, 4 horas de trabalho, enquanto aquêle, o Plano de Unidade, é o roteiro de trabalho para um mês até um semestre. O Plano de Trabalho tem, pois, muito maior amplitude e corresponde muito mais à realidade.

Com nossos 50 anos de magistério, sabemos que o mestre pode e deve elaborar um Plano de Trabalho